POESIAS.

POESIAS

POR

A. A. SOARES DE PASSOS.

PORTO,
NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n.os 28 a 30.

1856.

A VIDA.

A MEU IRMÃO.

Que! luctar sempre em afanosa guerra
C'os mil tormentos que a existencia opprimem!
Ferir contínuo as laceradas plantas
N'esta senda fatal que chamam vida!
Correr após um sonho, uma esperança
Que leda nos sorria, e vê-la ao cabo

Sumir-se, desfazer-se como o fumo,
Ou se tocamos o vedado fructo,
Arrojá-lo de nós, vasío e esteril!
Alcançar por um bem, mil dissabores!
Por uma hora de gôso, mil de prantos!
Soffrer, sempre soffrer, não vir um dia
Em que possamos exclamar: ventura!
E é este o calix de aprazivel nectar
Que ao banquete do mundo nos convida?
E' este o eden que nos prende os olhos,
E nos faz recuar ante o sepulchro?

Nascemos. Com que pena á luz do dia
Surgimos logo do materno seio!
Filhos da dôr, annunciando a origem,
Nos vagídos da infancia a dôr nos colhe;
Mas inda assim, no deslizar sereno
Dos dias infantís, a vida encanta;
A taça da existencia tem doçura,
Como se o mel lhe coroasse a borda,
Para mais facil nos tentar os labios.
O horisonte da vida se dilata;
Vem a idade do amor. Que bellos sonhos

Em magico painel a vista illudem!
Um ser, que a mente em chammas diviniza,
Esse oasis feliz anima todo,
Bem como o sol anima a natureza,
Ou a rosa do valle os floreos prados.
Mas quantos podem no jardim sonhado
Colher a rosa de seu mago enlêvo?
Quantos a estrella que adoraram crentes
Sentem passar, e desfazer-se em breve,
Não luzeiro do céu, porém da terra,
Meteoro fugaz que baixa ao solo,
E se dissipa redobrando a noite!

As illusões do amor se desvanecem:
D'esse mundo feliz o homem baqueia.
Mas seu pezar devora, e segue avante.
Prometheu animoso, ei-lo procura
Dar alma e vida ás creações que inventa,
Ai já não bellas, mas de impura argilla.
Honras, gloria, poder, bens de fortuna,
Sciencia austera, festivaes prazeres,
A tudo se abalança, aspira a tudo,
E em tudo encontra desenganos sempre.

Ao ponto que fitára jamais chega,
Ou, se o alcança, não lhe dura o gôso.

Ai do que envolto em miserandas faxas,
Embalada sentiu a pobre infancia
Nos gemidos da fome! Esse á ventura
Quasi nem ousa levantar os olhos:
Perpetuo desalento lh'os abate
A' triste condição em que nascêra.
Planta gerada n'um terreno esteril,
Não se ergue altiva, não estende os ramos;
Vive entre espinhos, e entre espinhos morre.
Em vão se cança o triste: raras vezes
A dura terra lhe concede o premio
Do suor, e das lagrimas que verte
No seio ingrato d'essa mãe ferina.
Um pão de angustias amassado em pranto,
E' o alimento que reparte aos filhos;
E o marco do caminho a cabeceira
Onde desprende o moribundo alento.
Ai d'elle! mas não menos desgraçado
O que em purpuras e ouro vendo o dia,
Ou conduzido pela mão da sorte,

Chegou aos cumes que a fortuna habita;
E na posse dos bens que o mundo anceia,
Palpou tremendo seu medonho nada.
Este, empunhando o sceptro, empallidece
Sentindo ás plantas vacillar-lhe o solio;
No fastigio da gloria aquelle geme,
Ao ver o louro que lhe cinge a frente
Pelo bafo da inveja emmurchecido.
Um as honras consegue, e as vê sem preço;
Outro as riquezas, e lamenta os dias
Que mais bellos perdeu em seu alcance.
Qual a sciencia devassando ousado,
Após longas vigilias estremece
Da duvida ante o espectro; qual ardente
Das festas no rumor despende a vida,
E a taça do prazer lhe lega o enfado.

Feliz aquelle que em modesta lida,
Isento da ambição e da miseria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se das turbas ruidosas afastado,
A' sombra do carvalho entre os que adora,

Sente a existencia deslizar tranquilla,
Como as aguas serenas do ribeiro
Que as herdades pacificas lhe banha.
Mas, que digo! nem esse. Infindos males,
Communs a todos, seu viver não poupam.
D'um lado a crua guerra lhe sacode
O facho assolador ás brandas messes;
A pallida doença d'outro lado,
Dos entes que mais ama o vae privando;
E elle mesmo talvez, infausta prêsa
D'essa serpente que nos liga á morte,
Nos eculeos da dôr a vida exhaure.
E como se estes males não bastaram,
Sua mesma virtude lhe é supplicio.
Compassivo co'a dôr que os outros soffrem,
A dôr alheia o atormenta ainda.
Justo, adora a justiça, e olhando em torno,
A injustiça e oppressão verá reinando;
Verá a innocencia victima do crime,
A virtude humilhada, o vicio altivo,
Os prantos da miseria escarnecidos,
Por toda a parte o mal, a dôr, e as queixas.
Ai d'elle, ai d'elle, se um momento pára
Na atroz contemplação de tantos males!

Ai d'elle, que turbado e confundido,
Em maldições blasphemará terrivel
Da virtude, de si, de Deus, de tudo!

Não! da vida no pélago agitado
Um abrigo não ha, não ha um porto
Onde possamos descançar tranquillos.
Em nós, dentro em nós mesmos ruge irada
A tempestade que evitar queremos.
Qual serpe occulta em transparente lympha,
Na mais pura existencia a dôr se esconde.
Fatal abysmo que sentimos n'alma,
Nos veda a posse de serenos dias.
Em vão, em vão anciamos a ventura:
Somos na terra qual viajante exhausto,
Que ouve o sussurro d'escondida fonte,
E morre á sêde, sem poder tocá-la.

Vida, medonho abysmo d'amarguras,
Eu te hei sondado nos meus proprios males,
E em meus irmãos na dôr, nos homens todos:
C'rôa d'espinhos que nos dá o berço,

E que depomos nos umbraes da tumba.
A lucta, a mágoa eis os teus dons funestos.
Mas d'onde vem essa tremenda herança
Que as gerações ás gerações transmittem?
Que um seculo tombando de cansaço,
Como um pêso importuno lega ao outro?
D'onde o crime feroz que um tal castigo
Sobre nós attrahiu? Se um deus é justo,
Que deus, que lei, sem escutar-nos poude
A sentença lavrar? Silencio é tudo!
Em vão para sabê-lo, em vão mil vezes
Interroguei confuso o céu e a terra:
O céu de bronze não me ouviu a prece,
A terra obscura não me soube o enigma.
Dos prophetas na voz, na voz dos sabios
A duvida cruel achei sómente.
Pedindo á morte a solução da vida,
Desci ás tumbas, apalpei as cinzas;
Quiz vêr se um echo da gelada campa
Surgia á minha voz; mas foi debalde.
Frias ossadas, carcomidos restos
De quem soffreu tambem, só me disseram
Que tudo acaba alli. A terra, a terra,
O seio impuro dos famintos vermes:

Eis o refugio, a habitação amiga
Que após a lucta nos espera ao cabo!

Morte, morte, bem vinda sejas sempre!
Em nome da existencia eu te saúdo!
Tu reinas pela dôr na especie humana,
E, quem sabe? talvez n'esse universo.
O sol, o mesmo sol envolto em sombras,
Parece reflectir-te as negras azas;
E acaso á tua voz, a cada instante,
Um cometa voraz fulmina um globo.
Mas porque tardas a empunhar o sceptro,
Que n'este ao menos te pertence ha muito?
Ao desterrado do eden porque deixas
O resto de poder que inda te usurpa?
Eia, desprende sobre a terra as azas,
Sobre esta creação que abandonada
Talvez por seu auctor, como imperfeita,
Qual nau perdida em tormentosos mares,
Vaga sem rumo n'esse espaço ethereo!

Mas que sinistra voz! Silencio, ó lyra!
Impõe silencio á tua voz blasphema!
Fanal de esp'rança, luz de salvamento

Que na altura do Gólgotha brilhaste,
Desce á minha alma que a tristeza inunda !
Resumindo na sua a dôr de todos,
O calix d'Elle tambem foi amargo.
Elle soffreu ! Soffrâmos, e esperemos !
Depois da noite escura vem o dia :
Depois d'este desterro, a eterna patria !

⁂

O NOIVADO DO SEPULCHRO.

BALLADA.

Vae alta a lua ! na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou ;
Que paz tranquilla ! dos vaivens da sorte
Só tem descanço quem alli baixou.

Que paz tranquilla !.. mas eis longe, ao longe,
Funerea campa com fragor rangeu ;
Branco phantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se !... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz ;
O vento geme no feral cypreste,
O mocho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se ! com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguem...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou alem.

Chegando perto d'uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com a voz magoada
Os echos tristes acordou assim :

« Mulher formosa que adorei na vida,
« E que na tumba não cessei d'amar,
« Porque atraiçôas desleal, mentida,
« O amor eterno que te ouvi jurar ?

« Amor ! engano que na campa finda,
« Que a morte despe da illusão fallaz :
« Quem d'entre os vivos se lembrára ainda
« Do pobre morto que na terra jaz ?

« Abandonado n'este chão repousa
« Ha já tres dias, e não vens aqui...
« Ai quão pesada me tem sido a lousa
« Sobre este peito que bateu por ti!

« Ai quão pesada me tem sido! » e em meio,
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

« Talvez que rindo dos protestos nossos,
« Goses com outro d'infernal prazer;
« E o olvido, o olvido cobrirá meus ossos
« Na fria terra, sem vingança ter!

— « Oh nunca, nunca! » de saudade infinda
Responde um echo suspirando alem...
« Oh nunca, nunca! » repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as formas divinaes, airosas,
Longas roupagens de nevada côr;
Singela c'rôa de virgineas rosas
Lhe cerca a fronte, d'um mortal pallor.

« Não, não perdeste meu amor jurado:
« Vês este peito? reina a morte aqui...
« E' já sem forças, ai de mim, gelado,
« Mas inda pulsa com amor por ti.

« Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
« Da sepultura, succumbindo á dôr:
« Deixei a vida... que importava o mundo,
« O mundo em trevas sem a luz do amor?

« Saudosa ao longe vês no céu a lua?
— « Oh vejo, sim... recordação fatal!
— « Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
« Durante a vida, e na mansão final.

« Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
« Hoje o sepulchro nos reúne emfim...
« Quero o repouso do teu frio leito,
« Quero-te unido para sempre a mim! »

E ao som dos pios do cantor funereo,
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já d'esse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vasía,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dous esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados n'um sepulchro só.

>◆<

O OUTOMNO.

Eis já do livido outomno
Pesa o manto nas florestas;
Cessaram as brandas festas
Da natureza louçã.
Tudo aguarda o frio inverno;
Já não ha cantos suaves
Do montanhez, e das aves,
Saudando a luz da manhã.

Tudo é triste! os verdes montes
Vão perdendo os seus matizes,
As veigas os dons felizes,
Thesoiro dos seus casaes;
Dos crestados arvoredos
A folha sêcca e myrrhada,
Cae ao sôpro da rajada,
Que annuncia os vendavaes.

Tudo é triste! e o seio triste
Comprime-se a este aspecto;
Não sei que pesar secreto
Nos enlucta o coração.
E' que nos lembra o passado
Cheio de viço e frescura,
E o presente sem verdura
Como a folhagem do chão.

Lembra-nos cada esperança
Pelo tempo emmurchecida,
Mil aureos sonhos da vida,
Desfeitos, murchos tambem;

Lembram-nos crenças fagueiras
Da innocencia d'outra idade,
Mortas á luz da verdade,
Creadas por nossa mãe.

Lembram-nos doces thesoiros
Que tivemos, e não temos;
Os amigos que perdemos,
A alegria que passou;
Lembram-nos dias da infancia,
Lembram-nos ternos amores,
Lembram-nos todas as flores
Que o tempo á vida arrancou.

E depois, assoma o inverno,
Que lembra o gêlo da morte,
Das amarguras da sorte
Ultima gota fatal...
E' por isso que estes dias
Da natureza cadente,
Brilham n'alma tristemente
Como um cyrio funeral.

Mas animo! após a quadra
De nuvens e de tristeza,
Despe o lucto a natureza,
Revive cheia de luz:
Após o inverno sombrio,
Vem a florea primavera,
Que novos encantos gera,
Nova alegria produz.

Os arvoredos despidos
Vestem-se então de folhagem;
Ao sôpro da branda aragem
Rebenta no campo a flor;
Tudo ao vê-la se engrinalda,
Tudo se cobre de relva,
E as avesinhas na selva
Lhe cantam hymnos d'amor.

Animo pois! como á terra,
Tambem á nua existencia,
Vem, após a decadencia,
A's vezes, tempo feliz;

E a vida gelada, esteril,
Que o sôpro da morte abala,
Desperta cheia de gala,
Cheia de novo matiz.

Animo pois! e se acaso
Nosso destino inclemente,
Em vez de jardim florente,
Nos aponta o mausoléu;
Se a primavera do mundo,
Já morreu, já não se alcança,
Tenhamos inda esperança
Na primavera do céu!

A CAMÕES.

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus ás gerações envia
Dizendo: « vae, padece, é teu fadario »:
O mundo o vê passar astro brilhante,
Porém não vê que a chamma abrazadora
Que o cerca de esplendor, tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos céus em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,
E ver passar quaes sombras illusorias
Essas imagens de fulgor divino:
Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra;
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A dôr te acompanhou do berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura,
Como esses robles cujo enorme vulto
Desafia o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel magestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Amar, cantar, soffrer, levou-te a essencia.
Viste um anjo doirar tua existencia,
E aos pés cahiste da visão querida...

Engano! foi um astro fugitivo,
Foi uma flôr de perfumado alento
Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jamais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A crua morte te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto
Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A dura terra, o proprio mar profundo
Conspirados achavas em teu damno.
Estranho aos homens, detestado, expulso,
Tiveste o genio por algoz ferino:
Teu condão immortal era divino,
Perdeste em ser humano.

Indicos valles, solidões do Ganges,
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
D'esses hymnos que o tempo não consome.
Foi lá, foi n'essa rocha solitaria,
Que o vate desterrado e perseguido,
A' patria ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte.
«Cantemos!» e da patria ás altas glorias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.
Sua queda talvez, seus infortunios
Prevendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Mostrando quanto póde o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta;

Na heroica tuba, resoando ao longe,
O valor portuguez se ouve tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo
Inda hoje o mundo espanta!

Mas ai! a patria não ouviu seu canto!
Da patria e do cantor findava à sorte:
Aos dous juraram perdição e morte,
E os dous juntaram na mansão funerea...
Ingratos! ao que em seus eternos cantos
Além dos astros nos erguêra um solio,
Decretaram por louro e capitolio
O leito da miseria!

Ninguem os prantos lhe enxugou piedoso...
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
« Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo! »
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente que fulmina a rocha,
Tambem a flôr que n'ella desabrocha,
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue
Aos alfanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera d'esse leito á beira
Sondar teu grande espirito n'essa hora,
Por saber, quando a mágoa nos devora,
Que dôr pode conter um peito humano;
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço
Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratidão dos homens,
Natercia, a gloria, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte, debuxadas
Em teu pallido rosto já pendido;

E a patria, oh! e a patria que exaltáras
N'essas canções d'inspiração profunda,
Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os mette ousado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a gloria,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como em gigante pedestal segura:
«Patria querida, morreremos juntos!»
Murmurou em accento funerario,
E envolvido da patria no sudario
Baixou á sepultura.

Calcando as sombras do feral jazigo,
Portugal resurgiu, vingando a affronta,
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate immortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa em vão procura
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira
Recorda o grão cantor... porém calemos!
Silencio! do immortal não profanemos
Com tributos mortaes a alta memoria.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdôa:
Que valem mausoléus ante a corôa
De tua eterna gloria?

DESEJO.

Oh! quem nos teus braços podéra ditoso
No mundo viver,
Do mundo esquecido no languido gôso
D'infindo prazer.

Sentir os teus olhos serenos, em calma,
Fallando d'alem,
D'alem! d'uma vida que sonha minha alma
Que a terra não tem.

Eu dera este mundo, com tudo o que encerra,
Por esse condão:
Thesoiros, e glorias, os thronos da terra,
Que valem, que são?

A sêde que eu tenho não morre apagada
Com tal aridez:
Podesse eu ganhá-los, e iria seu nada
Depôr a teus pés.

E só desejando mais doce victoria,
Dizer-te: eis-aqui
Meu sceptro e sciencia, thesoiros e gloria:
Ganhei-os por ti.

A vida, essa mesma daria contente,
Sem pena, sem dôr,
Se um dia embalasses, um dia sómente,
Meu sonho d'amor.

Isenta do laço que ao mundo nos prende,
A vida que val?
A vida é só vida se o amor n'ella accende
Seu doce fanal.

Aos mundos que eu sonho podesse eu comtigo,
Voando, subir;
Depois, que importava? depois no jazigo
Sorríra ao cahir.

⁂

CANÇÃO.

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzella;
Não temas, ó bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita,
Serena a brilhar:
Assim o teu seio,
De casto receio,
D'amor e d'enleio,
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,
Que os seios inflamma,
Fanal de quem ama,
Desponta nos céus;
E a nitida fronte
Retrata na fonte,
E estende no monte
Seus candidos véus.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer:

Que sons, que folguedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'amor e prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor;
E o hymno que entôa
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo d'amor.

O facho da lua
Co'a sombra fluctúa,
Avança e recúa
No chão do jardim;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Recende a bafagem
Da rosa e jasmim.

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzella;
Não temas, ó bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

Á PATRIA.

AO MEU AMIGO A. C. LOUSADA.

(1852).

Esta é a ditosa patria minha amada.
CAMÕES — Lus.

« Esta é a ditosa patria minha amada ! »
Este o jardim de matizadas flores,
Onde os céus com a terra abençoada
Rivalisam nas galas e primores.

Este o paiz das tradições brilhantes,
Onde cresceu a palma da victoria,
Onde o mar conta ás praias sussurrantes
Longinquos feitos d'extremada gloria.

Esta a nação de laureada frente,
Esta a ditosa patria minha amada!
Ditosa e grande quando foi potente,
Hoje abatida, sem poder, sem nada.

Patria minha, que tens, que em desalento
Vergas a fronte que alterosa erguias?
Porque fitas o gélido moimento,
Perdida a força dos antigos dias?

Que fizeste do genio destemido
Com que domavas esse mar profundo,
E sorrias das vagas ao rugido,
Ignotas praias descobrindo ao mundo?

Onde está esse vasto capitolio
De tuas glorias, o soberbo oriente,
Lá onde erguida em triumphante solio
Empunhavas teu sceptro refulgente?

Então eras tu grande! os reis da terra
Derramavam-te aos pés os seus thesouros;
O mar saudando teus pendões de guerra,
Gemia ao pêso de teus verdes louros.

Então de lanças e d'heroes cercada,
Avassallando a India e a Africa ardente,
A cada golpe da valente espada
Mais uma palma te adornava a frente.

Então prostradas mil hostís phalanges,
Retumbava o fragor de teus combates
Desde as praias de Ceuta além do Ganges,
Fazendo estremecer o Nilo e Euphrates.

Então eras tu grande! hoje esquecida,
Um echo apenas de teu nome sôa;
Nos braços da victoria adormecida,
Perdeste o sceptro e a magestosa c'rôa.

Os fortes pulsos entregaste aos laços
Da tyrannia e rude fanatismo,
E descahidos os potentes braços,
Caminhaste sem forças ao abysmo.

Um livro apenas te ficou, ó triste,
Por epitaphio da passada gloria ;
Tudo o mais acabou, já nada existe
De tanto resplendor, mais que a memoria.

Das quinas os pendões já não revoam,
Aguias altivas sujeitando os mares ;
Teus gritos de victoria, ai ! já não soam
Na Lybia e nos gangeticos palmares.

Nações obscuras quando o mundo inteiro
Já tuas glorias aprendido tinha,
Vendo apagado teu ardor guerreiro,
Arrancaram teu manto de rainha.

E repartindo-o entre ellas em pedaços,
E soltando depois feroz risada,
Disseram ao passar, cruzando os braços :
« Oh ! como essa nação jaz aviltada ! »

E teus heroes nas tumbas inquietos,
Vendo insultadas tuas altas glorias,
Agitaram seus frios esqueletos,
Despedaçando as lapides marmoreas.

E cada qual das pregas do sudario,
Erguendo a dextra que empunhára a lança,
De pé sobre o jazigo funerario,
Com torva indignação bradou : vingança !

Debalde ! ao verem sem valor as quinas,
Elles murmuram nas geladas campas :
Tu, quem sabe ? ditosa te imaginas,
E em tua historia mil baldões estampas.

Nação que dormes do sepulchro á borda,
Ergue-te, surge como outr'ora ovante !
Teu genio antigo, teu valor recorda,
E aprende n'elle a caminhar avante !

Se longos annos d'oppressão funesta
Te pesaram na fronte hoje abatida,
No seio de teus filhos inda resta
Fogo bastante para dar-te vida.

Longe da senda que gerou teu damno,
Desata o vôo por espaços novos ;
E o ardor que te levou alem do oceano,
Alem te levará dos outros povos.

Ah! possa, possa ainda a meiga aurora
D'esse dia feliz brilhar-me pura!
Possa esta lyra, que teus males chora,
Dar-te cantos de gloria e de ventura!

Mas ah! se negra pagina sombria
Tens de volver em teus crueis fadarios,
Se o archanjo das ruinas ha-de um dia
Pairar sobre os teus restos solitarios:

Terra da minha patria, ouve o meu brado:
Se inda da vida me restar o alento,
Tu que foste meu berço idolatrado,
Sê minha tumba no fatal momento!

ROSA BRANCA.

Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa que ao soprar do vento
Languida verga para o chão pendida.

Como a rosa dos valles, pura e bella
Nos campos da existencia ella floria,
Como a rosa dos valles que inda envolta
No orvalho da manhã, desdobra o calix
Ao sol nascente, perfumando as auras.
A idade das paixões mal despontava

Em seu meigo horisonte. Estava ainda
No declinar da melindrosa infancia,
D'essa quadra feliz em que a existencia
E' sonho encantador, em que os momentos
Se deslizam na vida como as aguas
De brando arroio, humedecendo os prados.
Mas quão formosas já, quão seductoras,
Por entre as graças da mimosa infancia,
As graças juvenís lhe transluziam!
Com as socias da infancia ao vê-la ás tardes
Vagando em seu jardim, vós a dissereis
A açucena viçosa entre as boninas,
Ou, entre os lumes da siderea noite,
A estrella da manhã. E, todavia,
Ignorava o poder de seus encantos:
No mundo que a cercava, outras imagens,
Outros amores não sonhava ainda,
Alem de sua mãe que a idolatrava,
De seu pequeno irmão, de suas flores.

E eu amava aquelle anjo como se amam
Os sonhos d'innocencia d'outra idade,
Ou como essas visões, que nos enlevam,
De mundos d'harmonia a que aspiramos.

Vi-a uma vez, ao descahir da tarde,
No jardim assentada ao pé da fonte,
Olhando o tenro irmão, que em seu regaço
Depozera as boninas que ajuntára.
No regaço tambem, junto das flores,
Repousava, serena dormitando,
A pomba que ella amava, e que sem medo
Viera procurar tão doce ninho.
Nunca a meus olhos se mostrou tão bella,
Tão cheia d'innocencia. D'alvas roupas
Suas formas angelicas cingidas,
Se desenhavam, em gentil contorno,
Nas verdes murtas que o jardim ornavam :
Parecia qual cysne repousando
Entre a verdura, de seu lago á beira.
Uma rosa nevada, como as roupas,
Lhe adornava as madeixas côr da noite,
As formosas madeixas que n'essa hora
Contrastavam mais negras, e mais bellas,
Co'a leve pallidez que reflectia,
Em seu rosto adoravel e sereno,
O clarão melancolico da tarde.
Com terna languidez a face meiga
Recostava na mão, curvado o braço,

Em quanto com a outra ora afagava
Sua pomba querida, ora os cabellos
Compunha ao doce infante, que, sorrindo,
Uma após outra lhe mostrava as flores.

Ao vê-la assim formosa, ao vêr o grupo
Que fazia com ella o par mimoso,
A mente arrebatada afigurou-m'a
Celeste archanjo que baixára ao mundo
A recolher as orações da tarde,
E que o infante e a pomba achando juntos,
E a innocencia do céu vendo na terra,
Dos irmãos se esquecêra, e alli ficára.

Archanjo d'innocencia, ai foge, foge!
Não te illuda este mundo onde poisaste,
Este mundo fallaz de ti indigno,
Que tuas azas de brancura estreme
Com seu veneno talvez manche um dia.
Archanjo d'innocencia, ai foge! foge!
Procura teus irmãos, revôa á patria!

E fugiu, e voou. No mesmo sitio,
Uma tarde tambem, junto da fonte,

A mãe a foi achar sozinha e triste.
A suas plantas uma rosa branca
Jazia desfolhada: era das flores
A flôr que mais queria. Ao ver ao lado
A mãe que idolatrava, estremecêra.
Pobre innocente! receiou acaso
Não poder por mais tempo disfarçar-lhe
Seu cruel padecer. A ardente febre
Lhe devorava o seio, e não gemia.
Mas seu dia chegava... A exhausta fronte
Lhe pendeu sem alento, e immersa em pranto,
No regaço da mãe sumiu a face,
Que já cobria a pallidez da morte.
Tres dias depois d'este à flôr mimosa
Que as grinaldas celestes invejavam,
Cahia desfolhada no sepulchro.

Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa que ao soprar do vento
Languida verga para o chão pendida.

ENFADO.

Dos homens ai quem me dera
Longe, bem longe viver!
Junto de mim só quizera,
Como eu sonho, um anjo ter.
Que esse anjo surgisse agora,
E o mundo folgasse embora
Em seu nefando prazer.

Que vista! cede a innocencia
A' voz do crime traidor;
Folga a devassa impudencia,
Nas faces não ha rubor:
Traz'o vicio a fronte erguida,
E a virtude, sem guarida,
Geme transida de dôr.

Vâo ao templo da cubiça,
Vão todos sacrificar:
Consciencia, fé, justiça,
Tudo lhe deixam no altar.
Devora-os a sêde d'ouro;
O seu deus é um thesouro,
Porque o viver é gosar.

E que importa que o infante
Morra á fome, e o ancião?
Que importa que gema errante
O proletario, sem pão?
Oh! que importa que o talento
Esmoreça ao desalento?
Que val do genio o condão?

Proclamou-se a lei do forte,
A lei do fraco é gemer:
Ai do triste a quem a sorte
Fez entre espinhos nascer!
E' um dogma a tyrannia,
A liberdade heresia,
A servidão um dever.

Que tempos, que tempos estes!
Quem ha-de viver assim
N'um mundo que rasga as vestes
Do justo, no seu festim?
Quem ha-de? mas esperança!
Um dia foge, outro avança,
E a redempção vem no fim.

Hoje, porém, quem me dera
Longe dos homens viver!
Junto de mim só quizera,
Como eu sonho, um anjo ter.
Que esse anjo surgisse agora,
E o mundo folgasse embora
Em seu nefando prazer.

ANELOS.

Que immenso vacuo n'este peito sinto!
Que arfar eterno de revolto mar!
Que ardente fogo que jamais extincto
Sómente afrouxa para mais queimar!
Ai! esta sêde que meu peito rala,
Talvez a apague mundanal prazer:
Alli ao menos poderei fartá-la,
Ou n'um lethargo sem paixões viver.

Mas d'essa taça já provei... não quero!
Quero deleites que inda não senti...
A lucta, os riscos d'um combate fero!
Talvez encantos acharei alli.

A lucta, os riscos, em acção travadas
Guerreiras hostes disputando o chão;
O sangue em jorros, o tinir d'espadas,
O fumo e o fogo do voraz canhão!
Alli os gôsos d'um feroz delirio,
A' luz das armas, sentirei em mim,
Ou n'uma d'ellas o funereo cyrio
Que á paz dos mortos me conduza em fim.

Mas não, não quero sobre a terra escrava
A vis tyrannos immolar o irmão...
O mar, o mar, que em sua furia brava
Ninguem domina com servil grilhão!

O mar, o mar! sobre escarcéus revoltos
Em fragil lenho fluctuar me apraz,
Ao som das vagas e dos ventos soltos,
E das centelhas ao clarão fugaz.

Alli sorrindo da feroz tormenta,
E dos abysmos que me abrir aos pés,
Dentro d'esta alma de prazer sedenta
Sublime gôso sentirei talvez.

Mas o mar livre tem um leito ainda
Que os meus anelos poderá soster...
O espaço, o espaço! na amplidão infinda
Talvez que possa o coração encher.

O espaço, o espaço! qual ligeiro vento
Irei lançar-me n'esse mar sem fim,
E a longos tragos aspirar o alento,
A vida, a vida que não sinto em mim...
Ora aguia altiva, desprezando o solo,
O rei dos astros buscarei então,
Ora entre as neves do gelado polo
Voarei nas azas do veloz tufão.

Mas solitario, sem cessar errante,
De que valêra na amplidão correr?...
A gloria, a gloria, que em painel brilhante
Me off'rece a imagem d'um maior prazer!

A gloria, a gloria, mil trophéus ganhados,
Mil verdes palmas e laureis tambem;
Triumphos, c'rôas, e sonoros brados
Da turba — é elle! — repetindo alem...
Então em sonhos d'uma vida infinda
Verei a chamma d'immortal pharol,
Que em meu sepulchro resplandeça ainda,
Bem como a lua quando é morto o sol.

Mas não, que a inveja com a voz mentida
A luz em sombras poderá tornar...
O amor, o amor, que redobrando a vida,
A vida n'outrem me fará gosar!

O amor, o amor, celestial perfume
Que a mão dos anjos sobre nós verteu,
Doce mysterio que n'um só resume
Dous pensamentos aspirando ao céu!
O amor, o amor, não mentiroso incenso
Que em frios labios só no mundo achei,
Mas esse lume de fulgor immenso
Que outr'ora em sonhos juvenís sonhei...

O amor! só elle poderá n'esta alma
Risonhas crenças outra vez gerar,
De minha sêde mitigar a calma,
E inda fazer-me reviver, e amar.

⋈

O FILHO MORTO.

No povo d'alem da serra
Vae a noite em mais de meio,
E a pobre da mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

« Acorda, meu filho, acorda,
« Que esse dormir não é teu;
« E' como o somno da morte
« O somno que a ti desceu.

« Tarda-me já um sorriso
« Nos teus labios de rubim;
« Acorda, meu filho, acorda,
« Sorri-te ledo p'ra mim. »

Mas o infante moribundo
Em seu regaço expirou;
E a mãe o cobriu de beijos,
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
Dous dias chorou tambem;
Ao terceiro o sino triste
Dobrou á morte d'alguem.

E á noite no cemiterio
Outro jazigo se via:
Era a mãe que ao pé do filho
Na sepultura dormia.

A***

Acaso és tu a imagem vaporosa
Que me sorriu nos sonhos d'outra idade,
Como a luz da manhã sorri formosa
Rompendo a escuridão da immensidade?
E's tu esse astro que minha alma anela,
Que debalde busquei no mar da vida,
Qual busca o nauta bonançosa estrella
No meio da procella enfurecida?

Ah! se és esse ente que meu ser domina,
Se és essa estrella que meu fado encerra,
Se és algum anjo da mansão divina
Pairando sobre a terra;
Já que baixaste a mim, já que a meu lado
Me apontaste sorrindo o ethereo véu,
Não me deixes na terra abandonado,
Transporta-me ao teu céu!

ULTIMOS MOMENTOS D'ALBUQUERQUE.

AO MEU AMIGO A. AYRES DE GOUVEA.

Companheiros, sinto a morte
Pairando já sobre mim;
Eis cumprida a lei da sorte,
Volvo á terra, d'onde vim...
Foi bem cheio d'amargura
Meu calix de desventura,
Mas alem na sepultura
Terei descanço por fim.

Terei: a campa é um asylo
Que ao impio deve aterrar,
Mas eu dormirei tranquillo
Sob a lagea tumular.
Eu... desgraçado, que digo!
Nem lá terei um abrigo,
Que os meus restos no jazigo
Irão talvez insultar.

Murmurando: « aqui repousa
Um desleal portuguez »,
Hão-de arrancá-los da lousa,
Calcá-los sem dôr aos pés:
E o guerreiro que descança
Não poderá, por vingança,
Brandir na dextra uma lança,
Cingir ao peito um arnez...

Quaes foram, rei, os meus crimes
Para haver tal galardão?
Por que a fronte assim me opprimes
Com a tua ingratidão?

No throno d'ouro sentado
Da calumnia ouviste o brado,
E sobre as cans do soldado
Lanças um negro baldão.

Não merecia tal premio
Quem debaixo d'este céu,
Da roixa aurora no gremio,
Um novo imperio te deu;
Quem á custa d'uma vida
Nas batalhas consumida,
Ante as quinas abatida
A India inteira rendeu.

Por dar-te a c'rôa brilhante
Que em tua fronte reluz,
Fiz a meus pés arquejante
Cahir a opulenta Ormuz;
Malaca sentiu meu raio,
E em Gôa, roto o Sabaio,
Entre o sangue, entre o desmaio,
Alcei o pendão da cruz.

Então desde o Nilo ao Ganges
Cem povos armados vi,
Erguendo torvas phalanges
Contra mim e contra ti;
Vi os filhos do deserto
Em ondas rugindo perto;
Mas com ferro em campo aberto
A's suas iras sorri.

Contra as lanças portuguezas
A India luctou em vão,
Que em troca d'ouro e riquezas
Veio comprar seu grilhão.
Aos golpes de meus soldados
Vi seus thronos abalados,
Vi ante mim ajoelhados
Reis d'Onor e de Sião.

Mas d'Asia não poude o ouro
Cegar-me com seu fulgor,
Porque a honra é o thesouro
Dos meus passados, senhor.

Eu quiz adornar-te a frente
C'um diadema refulgente:
Ganhei o sceptro do Oriente,
E a teus pés o fui depôr.

N'esses campos de batalha
Onde audaz o conquistei,
Das armas sob a mortalha
Porque exangue não findei?
Lá, no campo da victoria
Morrêra ao menos com gloria;
Do teu soldado a memoria
Não a mancháras, ó rei.

Eu desleal?! se meus brados
Podem chegar até vós,
Erguei-vos, restos sagrados
De meus extinctos avós!
Erguei-vos da campa fria,
E com sangue, á luz do dia,
Lavae a nodoa sombria
Que arrojaram sobre nós!

Eu desleal ? !... mas ao mundo
Que vale queixas mandar ?
As vozes d'um moribundo
Não vão na terra echoar...
Surge, ó morte !... e vós, amigos,
Socios de tantos perigos,
Vinde... nem só inimigos
Me restam ao expirar.

No reino vos deixo um filho :
Nossos feitos lhe ensinae ;
Dizei-lhe qual foi o trilho
Que em vida seguiu seu pae...
Dizei-lhe qual foi meu norte ;
Mas, em quanto á minha sorte,
Oh ! não lhe aponteis a morte,
A vida só lhe apontae...

E se fallardes um dia
A dom Manoel, o feliz,
Dizei-lhe que na agonia
Albuquerque o não maldiz ;

Que á beira da sepultura,
Para um filho sem ventura,
Invoco sua ternura,
Se alguns serviços lhe fiz.

E vós... e vós, portuguezes,
Nossa patria defendei;
Dae-lhe os peitos por arnezes,
Seja a patria vossa lei.
N'um throno que ella não tinha
Eu vo-la deixo raínha,
Mas não sei o que adivinha
Meu pensamento... não sei...

Entre as sombras do futuro,
Meu Deus! a patria em grilhões!...
Pelo mar em vão procuro
Seus orgulhosos pendões...
Coberta d'amargo pranto,
Lá se envolve em negro manto...
Lá roja a face em quebranto...
Ella, a grande entre as nações!...

Oh! se este braço podéra
A fria lousa quebrar,
Este braço inda se erguêra
Da tumba, para a salvar;
Apontando-lhe a vingança,
Inda lhe dera esperança,
E empunhando a antiga lança,
A' morte a fôra arrancar.

Mas eis marcado o momento
No livro d'alem dos céus...
Eis a morte... o passamento...
São findos os dias meus...
Companheiros de victoria,
De tantos dias de gloria,
Guardae... guardae na memoria,
D'Albuquerque o extremo adeus...

A morte... a morte... que anceio!
Sinto um gêlo sepulchral...
Abre-me, ó terra, o teu seio,
Quero o descanço final...

Desce, guerreiro cançado,
Desce ao tumulo gelado...
Mas a affronta... deshonrado...
India... filho... Portugal!...

>●<

A TI.

Oh! quão formoso me surge o dia
Lá quando a noite se inclina ao mar,
Quando na aurora, que me extasia,
Teu bello rosto cuido avistar!
Não sei que esp'rança jamais sentida
Então me adeja no peito aqui;
E' que na aurora saúdo a vida,
Outr'ora escura, sem luz, sem ti.

Correm as horas, a noite avança,
A lua brilha com meigo alvor;
Então minha alma, que em paz descança,
Divaga em sonhos d'ignoto amor.
No véu d'estrellas, na branca lua
Meus olhos buscam olhos que eu vi,
E o pensamento longe fluctua,
E uma saudade revôa a ti.

Eis que adormeço, e um anjo assoma
Todo cercado d'etherea luz;
De seus cabellos recende o aroma
Das castas rosas que o céu produz.
O céu me aponta, sorri-lhe a face;
Acordo, e o anjo foge d'alli;
Mas em meu peito logo renasce
Doce esperança que vem de ti.

Já pela terra surgem verdores,
Auras serenas baixam do céu,
As aves cantam novos amores,
Tudo se cobre d'um floreo véu;

E céus e terra, montes, paisagem,
Tudo a meus olhos, tudo sorri;
E' que alli vejo só tua imagem,
E' que hoje vivo mas só por ti.

Talvez que eu sinta meu pobre enleio
Passar qual brilho de luz fugaz:
Que importa? ao menos dentro em meu seio,
Já morta a esp'rança, tu viverás.
Oh! sim, que os dias são mais serenos
Com tua imagem gravada alli;
Té mesmo a morte custará menos,
Junto ao sepulchro pensando em ti.

INFANCIA E MORTE.

«O' mãe, o que fazes? em cama tão fria
«Não durmas a noite... saiamos d'aqui...
«Acorda! não ouves a pobre Maria,
«Pequena, sozinha, chorando por ti?

«Porque é que fugiste da nossa morada,
«Que alveja saudosa no monte d'alem?
«Depois que tu dormes na terra gelada,
«Quão só ficou tudo mal sabes, ó mãe.

« A nossa janella não mais foi aberta,
« O fogo apagou-se na cinza do lar,
« As pombas são tristes, a casa deserta,
« E as flores da virgem se vão a murchar.

« Oh! vamos, não tardes...mas tu não respondes..
« Em vão todo o dia meu pranto correu;
« No fundo da cova teu rosto me escondes,
« Não ouves, não fallas... que mal te fiz eu?

« Escuta! na torre de frestas sombrias
« O sino da ermida começa a tocar...
« Acorda! que o toque das Ave-Marias
« A' imagem da virgem nos manda rezar.

« A lampada exhausta de Nossa Senhora
« Ficou apagada, precisa de luz:
« Oh! vem accendê-la, e á Mãe que se adora
« Alli rezaremos, e ao Filho na cruz.

« Depois á costura, sentada a meu lado,
« Tu has-de contar-me, bem junto de mim,
« Aquellas historias d'um rei encantado,
« De fadas e moiras, d'algum cherubim.

«A d'hontem foi triste, pois triste fallavas
«De vida e de morte, d'um mundo melhor;
«E o rosto cobrias, e muda choravas,
«Lançando teus braços de mim ao redor.

«Depois em silencio teus olhos fechaste,
«Tão pallida e fria qual nunca te vi;
«Chamei-te era dia, mas não acordaste,
«E em quanto dormias trouxeram-te aqui.

«Oh! vamos, não tardes, que as noites sombrias,
«Sem ti a meu lado, me causam pavor;
«Acorda! que o toque das Ave-Marias
«Nos diz que rezemos á Mãe do Senhor.»

Taes eram as queixas da pobre Maria...
O sino da ermida cessou de tocar...
Mas ella entretanto dormia, dormia;
Do somno da morte não poude acordar.

Tres dias, tres noites a filha sozinha
No adro da egreja por ella chamou...
Ao fim do terceiro já forças não tinha;
Da mãe sobre a campa, gemendo, expirou.

O CANTO DO LIVRE.

AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA.

Gema embora a terra inteira
Acurvada a iniquas leis:
Esta fronte sobranceira
Jamais de rojo a vereis.
Oh! ninguem, ninguem a esmaga,
Que eu sou livre como a vaga,
Que sacode sobre a plaga
O jugo d'altos baixeis.

Eu sou livre! a mão do Eterno
Gravou-m'o no coração:
Que vale, pois, que o inferno
Me conspire a escravidão?
Se o vil escravo a supporta,
Eu sou livre, que me importa?
A sua crença está morta;
Mas a minha, a minha não..

Liberdade é o mote escripto
No céu, na terra, e no mar!
Di-lo a féra no seu grito,
E as aves cruzando o ar;
Di-lo o raio da procella,
Di-lo o mar que se encapella,
Di-lo tudo quanto anela
Por esse espaço a gyrar.

Tudo é livre! mas ainda
Mais livre me creou Deus.
A's aves a altura infinda,
A amplidão aos escarcéus:

Mas a mim a liberdade,
Pois em vez da immensidade,
Oh! tenho na alma a vontade,
Tenho a razão, luz dos céus.

Eu sou livre! erguendo a fronte
Diz-m'o uma voz na amplidão,
Quando de pé sobre o monte
Me elevo rei da soidão;
E da terra ao firmamento
Erguendo meu pensamento,
Solto nas azas do vento
Minha inspirada canção.

Eu sou livre! eis minha crença,
Nem força contra ella val.
Que um tyranno emfim me vença:
Triumpharei por seu mal.
Triumpharei, que algemado
Ao throno d'elle arrastado,
Sou livre! será meu brado
Té ao momento final.

E que importa que o tyranno,
Jurando vingança atroz,
Faça erguer, sorrindo ufano,
Um cutelo á sua voz?
Minha fronte sempre erguida
Ha-de encará-lo atrevida,
E só cahir abatida
Ao rolar aos pés do algoz.

Mas nunca! pois fôra um preito
Dar os pulsos ao grilhão.
Tenho um ferro, e n'este peito
Tenho um livre coração!
Não! jámais serei captivo!
Se vencido restar vivo,
Cahirei, sorrindo altivo,
Sob o punhal de Catão!

SAUDADE.

Assim, pallida lua, assim teu rosto
Fulgurava tranquillo n'essa noite
Em que o adeus lhe murmurei sentido;
Quando, após os momentos preciosos
Em que inda pude vê-la, inda escutá-la,
Afoitando meu animo indeciso,
Sua trémula voz me disse: parte...

Em tanto que uma lagrima furtiva
Lhe escorria na face melindrosa,
Mais pallida que a tua...

Astro saudoso,
Astro da solidão, quanto me aprazes!
Eu amo o teu pallor, tua tristeza,
Mais que do sol os importunos raios.
Que me importa d'esse astro a luz e a vida,
Se a luz e a vida me ficaram longe?
Se em meio do rumor que o dia espalha,
A voz não ouço que responde á minha?
Estes valles, e selvas, estes montes,
A' luz do dia, são talvez formosos;
Mas não é este o ar que ella respira,
Não são estes os sitios que ella encanta
Com seu mago sorriso. O dia é mudo:
Porém tu surges, solitaria amiga,
Tu vens fallar-me d'ella, astro saudoso.

Lua, d'esse aureo throno onde campeias,
Tu vês os sitios caros. Que faz ella?
Acaso, como pomba fatigada,
Repousa adormecida? Verte, ó lua,

Verte-lhe em torno o perfumado alento
Que a noite rouba ás orvalhadas flores.
Mas não, talvez agora em mim pensando,
Agora mesmo no teu meigo rosto
Ella fixa tambem os olhos tristes,
E nossos pensamentos, nossas vistas
Se confundem em ti. Oh! não podermos,
Adejando como elles n'esse espaço,
Embora por momentos, confundir-nos
Em teu regaço, deslembrando a ausencia!
Ao menos, astro amigo, ordena, ordena
Que o anjo da saudade, que em ti mora,
Desça, e lhe diga o que minha alma sente.

Oh! quando solto d'importunos laços,
Demandando outros céus, hei-de já livre
Vê-la, ouvi-la, fallar-lhe? Quem o sabe?
Mas tu em tanto, confidente meiga,
Em cada noite vem fallar-me d'ella;
E em meu peito sombrio e solitario,
Derrama envolto no teu doce brilho
O balsamo suave da esperança.
Assim possas tu ser, benigna deusa,
A invocada dos tristes; e se acaso

Amas tambem, se algum remoto lago
Entre floridas margens escondido
Te prende as affeições, possas tu sempre
No crystallino azul de suas aguas
Sem nuvens espelhar teu rosto ameno!

⊃●⊂

AMOR E ETERNIDADE.

Repara, doce amiga, olha esta lousa
E junto aquella que lhe fica unida:
Aqui d'um terno amor, aqui repousa
O despojo mortal, sem luz, sem vida.
Esgotando talvez o fel da sorte,
Poderam ambos descançar tranquillos:
Amaram-se na vida, e inda na morte
Não poude a fria tumba desuni-los.

Oh! quão saudosa a viração murmura
No cypreste virente
Que lhes protege as urnas funerarias!
E o sol, ao descahir lá no occidente,
Quão bello lhes fulgura
Nas campas solitarias!

Assim, anjo adorado, assim um dia
De nossas vidas murcharão as flôres...
Assim ao menos sob a campa fria
Se reunam tambem nossos amores!

Mas que vejo! estremeces, e teu rosto,
Teu bello rosto no meu seio inclinas,
Pallido como o lirio que ao sol posto
Desmaia nas campinas?
Oh! vem, quero apertar-te com ternura
Ao coração, que perturbado anceia...
Vem, gosemos da vida em quanto dura;
Desterremos da morte a negra ideia!
Longe, longe de nós essa lembrança!
Mas não receies o funesto corte...
Doce amiga, descança:
Quem ama como nós, sorri á morte.

Vês estas sepulturas?
Aqui cinzas escuras,
Sem vida, sem vigor, jazem agora;
Mas esse ardor que as animou outr'ora,
Voou nas azas d'immortal aurora
A regiões mais puras.
Não, a chamma que o peito ao peito envia
Não morre extincta no funereo gêlo.
O coração é immenso: a tumba fria
E' pequena de mais para contê-lo.
Nada receies, pois; a campa encerra
Um breve espaço e uma breve idade;
E o amor tem por patria o céu e a terra,
Por vida a eternidade!

O ESCRAVO.

Tremes, escravo? baqueias
Entre os muros da prisão?
Vergado sob as cadeias,
Rojas a fronte no chão?
Já da turba ao longe o grito
Pede teu sangue maldicto:
Sentes, escravo proscripto,
Vacillar teu coração?

Não sinto! nada perturba
Minha alegria feroz:
Nem o bramir d'essa turba,
Nem a lembrança do algoz.
Vinguei-me! nada me aterra.
Curvae-vos, homens da terra!
Contra mim jurastes guerra:
Guerra jurei contra vós.

Eu era livre sem méta
Como as ondas lá no mar;
Era livre como a seta
Quando sibila no ar:
Mas vossa avidez tyranna
Me escravisou deshumana...
O' minha pobre choupana!
O' florestas do meu lar!

Alem, alem nas florestas,
Foi alem onde eu nasci;
Onde sem prisões funestas
Já venturoso vivi.

Foi dos bosques na espessura
Que eu tive amor e ternura;
Mas liberdade e ventura,
Patria, amor, tudo perdi.

Perdi tudo! alem da morte
Já não me resta ninguem.
Tinha um pae: a negra sorte
Do filho soffreu tambem:
Trouxe da patria distante
O ferreo jugo aviltante,
Inda eu era tenro infante
Nos braços de minha mãe.

Minha mãe!... oh! quantas vezes
Me vinha a triste abraçar,
E carpindo os seus revezes
Fitava os olhos no mar!
Seu pranto cahia ardente,
Em bagas, na minha frente;
E eu, pobre infante innocente,
Chorava de a ver chorar.

Mais tarde, quando o navio
Me trazia á escravidão,
Nas praias do mar bravio
Eu vi-a cahir no chão;
Via-a atravez dos espaços,
Morrendo, estender-me os braços...
Sacudi meus ferreos laços;
Mas, ai de mim! era em vão.

Perdi-a! só me restava
A virgem do meu amor,
Que a mulher que eu adorava
Quiz seguir-me em tanto horror.
Mas tinha sua belleza
Só d'um escravo a defeza...
Devia a final ser preza
De meu infame senhor.

E eu, soberbo vezes tantas,
Curvei-me d'aquella vez;
Arrastei ás suas plantas
Minha feroz altivez.

Debalde! que o vil tyranno
Escarneceu do africano;
Maldição! vaidoso, ufano,
Meu amor calcou aos pés.

—E' minha, só minha a escrava,
A ti, pertence o grilhão: —
Esta affronta penetrava,
No fundo do coração.
Da vingança a torva imagem
Me sorriu, me deu coragem:
Em meu gemido selvagem
Rugiu irado o leão.

Era noite! —negro sonho
Que d'estes olhos não sae—
Era noite! em céu medonho
Vi tua sombra, ó meu pae...
Rojando um grilhão pesado,
Teu espectro ensanguentado
Se ergueu sombrio a meu lado,
Sem dar um gemido, um ai...

Té que alçando a voz: — meu filho!
Meu filho! — bradaste emfim,
E os olhos turvos, sem brilho,
Tinhas cravados em mim...
Eu quiz lançar-me em teus braços,
Quiz cingir-te em doces laços:
Mas, fugindo aos meus abraços,
Volvias a olhar-me assim.

Foste escravo... teu destino,
Tua morte compr'hendi,
E um nome, o do assassino,
Delirando te pedi;
Mas sem attender a nada,
Erguendo a dextra myrrhada,
— Vingança! — com voz irada
Bradaste, e não mais te vi.

Sim, vingado foi teu sangue
Por este braço a final,
Que um d'elles cahiu exangue
Aos golpes do meu punhal.

Era amargo o fel da taça:
Vinguei a nossa desgraça
N'um dos tigres d'essa raça,
No sangue do meu rival.

Vinguei o meu e teu jugo!
Que importam ferreos grilhões,
O cadafalso e o verdugo,
O supplicio e as maldições?
Em vão seu furor se cança
Armado d'atroz vingança:
Já não me assusta a lembrança
De seus cruentos baldões.

Sinto arder em minhas veias
O fogo que lhe ateei...
Quebrae-vos, duras cadeias,
Escravo não mais serei...
Sou livre! a morte o proclama
N'este peito que se inflamma...
Já n'elle circula a chamma
Do veneno que eu tomei!

O ANJO DA HUMANIDADE.

Era na estancia crystallina e pura,
Que alem do firmamento rutilante,
Se ergue longe de nós, e está segura
Em milhões de colúmnas de diamante;
Jerusalem divina onde fulgura
Do eterno dia o resplendor constante,
E onde reside a gloria e magestade
D'Aquelle que povôa a immensidade.

Na parte mais recondita e profunda
A Essencia divinal seu throno encerra,
D'onde a fonte de amor brota fecunda,
Os orbes animando, o céu e a terra;
Um mar de luz seus penetraes circumda,
Que o proprio archanjo deslumbrado aterra,
Luz que em triangulo ardente se condensa
Quando o Eterno os oraculos dispensa.

Por toda a parte o azul e as pedrarias
Na cidade divina resplandecem;
Mil arcadas de soes, mil galerias
De brilhantes estrellas, a guarnecem;
Os anjos em lustrosas jerarchias
Nas harpas d'ouro melodias tecem,
Outros em córos adejando voam,
E d'aromas e canto o céu povoam.

Eis subito nos porticos divinos,
Sobre as azas pairando, um anjo entrava,
Mostrando que de sitios peregrinos
A's regiões celestes assomava;

Cruzando o empyreo, as legiões, e os hymnos,
Qual rapido luzeiro perpassava,
Té que chegando ao throno do Increado,
Nos ultimos degraus ficou poisado.

Pelos eburneos hombros o cabello
Em anneladas ondas lhe cahia;
A saphira das azas sobre o gêlo
Das roupagens luzentes refulgia.
Mais brilhante não é, não é mais bello,
Comparado com elle, o astro do dia,
Ou a estrella que brilha quando a aurora
De purpurina luz o céu colora.

Indo para fallar, ergueu a frente,
Mas com as azas a toldou ancioso,
Não podendo soster o brilho ardente
Que despedia o throno luminoso.
A milicia dos anjos resplendente
Fixou attenta seu irmão formoso:
Os concertos pararam, e elle em tanto
Assim fallou entre o geral espanto:

« Eterno Ser, que as divinaes moradas
« Enches de gloria em magestoso assento,
« Fóco de luz e vida sublimadas,
« Que dás ao mundo creador alento;
« A cujo acêno tremem abaladas
« As columnas do ethereo firmamento,
« E cujo nome, que o universo entôa,
« No céu, na terra, e nos abysmos sôa!

« Por teu mando supremo destinado
« A conduzir a humana descendencia,
« Desde que a mancha do cruel peccado
« A fez cahir da primitiva essencia:
« Venho hoje, Senhor, de teu mandado
« Dar-te conta fiel, após a ausencia;
« Fazer-te ouvir da humanidade os prantos,
« E aguardar teus preceitos sacrosanctos.

« Tu me ordenaste que seguisse attento,
« Na missão recebida, a lei sob'rana
« Que rege, na amplidão do firmamento,
« A creação que de teu seio emana:

« Essa lei de progresso e movimento
« Tenho cumprido na familia humana,
« Desde que ao mundo, a combater seu fado,
« O desterrado do eden foi lançado.

« Primeiro, sobre a terra esclarecendo
« Seus duvidosos passos vacillantes;
« Depois, o justo e seu baixel sostendo
« Nas aguas do diluvio sussurrantes;
« De novo á terra, de pavor tremendo,
« Conduzindo mais puros habitantes;
« Mais tarde, junto ao berço do Messias,
« Annunciando ao mundo novos dias.

« Agora, sobre as ruinas d'um imperio,
« Outro imperio de novo edificando;
« Agora, as povoações d'um hemispherio
« Sobre as d'outro hemispherio derramando;
« Já do teu Verbo o divinal mysterio,
« Com as sanctas doutrinas, propagando;
« Já mostrando por fim á humanidade
« Nova luz de justiça, e de verdade.

« Qùantos velhos sophismas desterrados !
« Quantos idolos falsos em ruinas !
« Quantos sabios triumphos alcançados !
« Quantas conquistas immortaes, divinas !
« Calcando o pó dos seculos passados,
« O homem corre ao fim que lhe destinas ;
« Mas ah ! Senhor, no meio da tormenta
« Seu valor esmorece e desalenta.

« Seu valor esmorece ! tantas lidas,
« Tanto luctar contínuo das idades,
« Tanto sangue e martyrios, tantas vidas,
« Tantas ruinas d'imperios e cidades :
« E o homem soffre, e as gerações perdidas
« Se revolvem n'um mar de tempestades,
« Sem ver luzir esse fanal jucundo
« Que por teu Filho prometteste ao mundo.

« Quantos males, Senhor ! a lei sublime,
« A lei d'amor que derramou teu Verbo,
« Sobre a face da terra, á voz do crime,
« Succumbe ainda por destino acerbo.

« O ferreo jugo que as nações opprime,
« Os humildes abate, ergue o soberbo,
« E o rei da terra, sobre a terra escravo,
« Supporta ainda seu eterno aggravo.

« Por toda a parte, em lastimoso accento,
« Se ouve gemer a humanidade afflicta.
« A terra, a mãe commum, nega alimento
« Dos filhos seus á multidão proscripta :
« Em quanto nos banquetes o opulento
« Folga, a miseria na choupana habita,
« E a mãe, a mãe ao peito, em desalinho,
« Aperta morto á fome o seu filhinho.

« Em tanto a guerra, que a ambição ateia,
« Vae assolando os campos e as cidades ;
« A crua peste, que ninguem refreia,
« Converte as povoações em soledades ;
« D'estes males crueis a terra cheia,
« Cobre-se inda de mil iniquidades :
« O vicio, o crime, a corrupção devora
« A pobre humanidade, como outr'ora.

« Ao ver tanta miseria, o bom padece,
« O mau blasphema de teu nome sancto,
« A voz dos inspirados esmorece,
« O futuro se envolve em negro manto...
« Eu mesmo, eu mesmo, recolhendo a prece
« Que a humanidade te dirige em pranto,
« Subi confuso ao eternal assento,
« A depôr a teus pés meu desalento. »

Disse, e um gemido d'afflicção pungente,
Semelhante a dulcissima harmonia,
Soltou do peito, reclinando a frente
Com meiga e celestial melancholia:
Assim pendendo ao longe, no occidente,
Se reclina saudoso o astro do dia;
Assim reclina a pallida açucena,
No collo, a fronte candida e serena.

Depois continuando: « ó Deus, quem ha-de
« Sondar mysterios que teu seio esconde?
« Tuas leis divinaes, tua vontade
« Cumprirei sobre a terra. Eia responde:

« Os passos da mesquinha humanidade
« Aonde os levarei, Senhor, aonde? »
Uma voz retumbou no céu radiante,
Que ao anjo respondeu, dizendo: — AVANTE!

PARTIDA.

Ai, adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado;
E' forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outomno lhes despe os encantos;
Cêdo o inverno com gelidos mantos
Baixará das montanhas d'alem.
Tudo triste, sombrio, e gelado,
Ficará sem verdura nem flores:
Tal meu seio, privado d'amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.

Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente
Eu co'as flores virei outra vez.

Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te inda do adeus derradadeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

CATÃO.

Como em tarde anuviada,
Em tarde de negros véus,
Para a terra contristada
Sorri o iris nos céus;
Mas quando o sol esmorece,
O iris desapparece,
Tudo é negra escuridão;
O mar ruge e se encapella,
E nas azas da procella
Corre roncando o trovão:

Tal ao sol da liberdade
Que sobre Roma luziu,
Qual iris em tempestade,
Catão á patria sorriu.
Mas esse astro que fulgente
Das aguias brilhára á frente,
Do Capitolio baixou;
E elle o iris de bonança,
Elle de Roma a esperança
Com seu fulgor expirou.

Oh! n'essa idade de ferro
Porque nasceste, Catão?
Foi-te a existencia um desterro
Entre os romanos d'então.
A cada instante, da terra
Surgia, bradando á guerra,
Novo tyranno feroz;
Cada qual só tinha em vista
Da patria sobre a conquista
Erguer-se, reinar a sós.

Inda infante viste Mario
De Roma o sangue beber;
Viste-a envolta n'um sudario
O collo a Sylla off'recer.
Viste esse monstro nefando
Entre as cabeças folgando,
Qual tigre no seu festim;
E infante, mas já romano,
Bradaste: — morte ao tyranno!
Dae-me o ferro, o ferro a mim! —

Não t'o deram: que lucrava
O teu valor juvenil?
D'um tyranno outro brotava,
Brotavam tyrannos mil.
Enxuto de Roma o pranto,
Eis que envolto em negro manto
Lá surge um conspirador:
Scintilla a morte, a ruína
No punhal de Catilina,
De Catilina traidor.

Surge, vibora gerada
Dos vicios no lodaçal!
Surge, e em Roma descuidada
Lança o veneno fatal!
Eia, empunha o facho ardente!
Entrega a patria innocente
Aos punhaes da tua grei!
E entre o sangue e á luz do incendio,
N'um throno de vilipendio
Vem sentar-te como rei!

Mas treme! lá sôa o brado
De Marco Tullio orador.
Treme! Catão no senado
Já dos teus vence o furor.
Succumbiste, algoz ferino!
Oh! mas vinga-te o destino
Que Roma jurou perder.
Catão, cobre-te de lucto,
Que da Gallia já escuto
A guerra civil descer!

Gerou-a o triumvirato,
Esse monstro d'ambição;
Que as eras de Cincinnato,
Essas eras já lá vão.
D'olhos fitos sobre a Italia
Eis desce o leão da Gallia,
E Arímino já tomou.
E' Cezar! ei-lo que assoma:
Abre-lhe as portas, ó Roma,
Que ás tuas portas chegou!

Ei-lo parte, e já na Hespanha,
Os tres legados venceu!
Só em Dyrrachio lhe ganha
A espada do grão Pompeu.
Os mortos jazem aos centos:
Sobre os seus restos sangrentos
Um homem chora: é Catão.
E' elle que alli deplora
Essa guerra que devora
A patria, á voz da ambição.

A liberdade expirava :
O coração lh'o prediz.
Roma, a livre, Roma escrava
Ia dobrar a cerviz.
Não se enganou : lá troveja
O fragor d'alta peleja
Em Pharsalia inda uma vez :
Pompeu vacilla e fraqueia ;
A liberdade baqueia
De Julio Cezar aos pés.

Ei-la que expira, ei-la morta...
Oh que não ! resurge alem !
Catão é vivo : que importa
Quanto Cezar ganho tem ?
De Pharsalia aos naufragantes
Sobre as areias distantes
Da Lybia surge um fanal ;
São d'elle, d'elle as bandeiras
Juntando as rotas fileiras
Para um combate final.

Mas Cezar lá corre ovante,
Vence Juba e Scipião;
Tudo ante elle vacillante
Se prostra em fim: maldição!
Não tarda a hora funesta:
De liberdade só resta
Dentro d'Utica um fulgor.
Inda Catão lá impera:
E' lá que o vencido espera
As iras do vencedor.

Que venha, que ao seu aceno
Curvado não ha de ver
Aquelle rosto sereno,
Que nunca soube tremer.
Caminha, Cezar altivo,
E acharás em teu captivo,
Em vez de preito, o desdem!
Sabes vencer, porém corre,
Vem saber como se morre,
Aprende a morrer tambem!

Catão, Catão, eis chegado
O momento de partir!
Com que rosto socegado
Te vejo á morte sorrir!
Antes do golpe supremo
Tu paras inda no extremo
A meditar com Platão:
Assim a aguia alterosa
D'alta penha cavernosa
Mede sublime a amplidão.

E depois assim como ella,
Das nuvens rasgando o véu,
Revôa sobre a procella,
Deixa a terra, e busca o céu:
Tal co'a dextra sempre ousada
Cravando no seio a espada,
Partiste d'alma os grilhões;
E d'entre os vaivens da sorte
Voaste, calcando a morte,
A's ethereas regiões.

Cezar vence, e ao Capitolio
Lá sobe triumphador;
Roma cae do altivo solio,
Rojando aos pés d'um senhor.
Catão, o livre, expirára...
No suspiro que exhalára
A liberdade voou.
Começava o negro imperio
Que um Caligula, um Tiberio,
Um Nero, monstro, gerou.

Elle em tanto sepultado
Nas praias junto do mar,
Lá dormia descançado
Sob a lagea tumular.
Alli a queixosa vaga
Vinha, rolando na plaga,
Beijar do livre a mansão;
E inda fallar com saudade,
Da patria, da liberdade,
A' estatua de Catão.

AGAR.

De Bersabé nos areaes ardentes
O desmaiado sol ia esconder-se,
E Agar, a expulsa Agar, gemendo anciosa,
Unia ao peito o moribundo filho.
O vaso d'agua que lhe dera o esposo
Havia-se esgotado, e no deserto
Com seu pobre Ismael não descobríra,
Desde o romper do dia, uma frescura.
O dia declinava: eis que o infante,
Que pela mão a acompanhava exhausto,
Ardendo em sêde lhe succumbe ás plantas.
Ella vê-o cahir, ella estremece,

E os olhos turvos em redor lançando,
Aqui e alli correndo busca ainda
Uma fonte, um frescor. Alfim cançada,
Ella mesma tambem, eis volve ao filho,
Prostra-se, abraça-o, com maternos beijos
Tenta debalde prolongar-lhe a vida.
« Filho, meu filho, murmurava a triste,
« A' sêde vaes morrer! Oh! se o podesse
« Adivinhar teu pae, cruel não fôra;
« E Sara, a mesma Sara enternecida
« Emmudecêra seus fataes ciumes.
« Como a seccura te devora o seio!
« Oh! não gemas, não gemas, que debalde
« Invocas tua mãe. Ella te escuta,
« Ella te vê soffrer, porém não póde,
« Ai! não póde salvar-te: dentro em pouco
« Em seu regaço exhalarás a vida.
« E hei de eu ver-te expirar? ver n'esses olhos
« Sumir-se a luz do dia? e n'essas faces,
« Que tantas vezes me sorriram ledas,
« Ver as ancias da morte? Oh! não, não posso
« Ver morrer o meu filho. » Disse, e ao tronco
D'uma arvore visinha o recostava;
Depois, com tristes, vagarosos passos,

Foi n'outros sitios aguardar a morte.
Alli, ao vêr sol que esmorecia,
Desatou a chorar, e estes queixumes
Em voz convulsa murmurou ainda:

«Sol do deserto que o meu pobre filho
«Vês expirando na soidão alem,
«Com teu suave, derradeiro brilho
«Beijar-lhe a face carinhoso vem!
«Oh! vem, que eu triste n'essa face pura
«Materno beijo nunca mais darei.
«Perdi meu filho: sobre a terra dura
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

«Quando o teu facho resurgir no oriente,
«Tudo na terra sentirá prazer;
«E lá nos campos de Mambré virente
«Mais bella a rosa te verá nascer:
«Só elle em sombras d'uma noite escura
«Adormecido ficará, bem sei.
«Perdi meu filho: sobre a terra dura
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

« Por mim não choro, que infeliz escrava
« Meus tristes dias findarei aqui :
« Ai ! choro aquelle que no mundo amava,
« Choro meu filho que expirando vi.
« Maternos mimos, filial ternura,
« Lembrae-me os tempos que feliz gosei !
« Perdi meu filho : sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi !

« Oh ! quem dissera nos passados dias
« Em que ao meu collo te cerquei d'amor,
« Oh ! quem dissera que a morrer virias
« N'este deserto sem achar frescor ?
« Emmurcheceste, já não tens verdura,
« Mimoso arbusto que gentil criei !
« Perdi meu filho : sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi !

« Tantas esp'ranças que o Senhor gerára
« Na escrava humilde, findarão assim.
« Foi mais feliz a geração de Sara :
« Cruel destino só me coube a mim.

« Em vão, em vão me prometteu futura
« Longa progenie: sem ninguem fiquei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!

« Quem, ó meu filho, n'este solo ardente,
« Quem no jazigo te virá deitar;
« Dizer-te: — dorme —, e reclinando a frente
« No teu sepulchro, sobre ti chorar?
« Eu não, que em breve n'esta plaga obscura
« Tambem já morta como tu serei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!

«Aves agrestes que me ouvis as queixas,
« Com tristes vozes o seu fim chorae!
« Brisas do ermo, suspirae-lhe endeixas!
« Astros da noite, seu dormir velae!
« Velae-o todos, que a final ventura
« Que vos reservo nem sequer terei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!

Mas Deus! que viu ella,
Que um ai desprendeu?
Que pomba tão bella
No manto do céu!
Que pennas de prata,
D'azul, d'escarlata,
O espaço retrata
Sereno, sem véu!

E' anjo voando!
Que brilho que tem!
Que véus ondulando
De pura cecem!
Que anneis de cabello
Nos hombros de gêlo,
No collo tão bello
Cahindo ao desdem!

Descendo, descendo,
Já perto chegou;
E a pobre tremendo
Calada ficou;

E o anjo sorria
Com doce magia,
E á terra descia,
Na terra poisou.

E em roda mil lumes
De brilho sem fim
Lançava, e perfumes
De nardo e jasmim;
E a voz argentina,
Suave, divina,
Soltou peregrina,
Fallando-lhe assim:

« O que fazes, Agar, porque choras?
« Nada temas, não tens que temer:
« Se o teu filho perdido deploras,
« Esses prantos converte em prazer.

« Do deserto chegou seu gemido
« Ás alturas que habita o Senhor:
« Surge, surge, e teu filho querido
« Vae ao longe buscar sem temor!

« Surge, surge, recobra a esperança,
« Que as promessas cumpridas serão !
« O teu filho, o Senhor t'o afiança,
« Será pae d'uma grande nação.

« Gloria a Deus que no céu ouve as mágoas
« De quem soffre na terra a carpir !
« Eis um jorro de limpidas aguas :
« Ide n'ellas a sêde extinguir ! »

E assim dizendo lhe mostrava perto
Uma fonte escondida entre verduras,
Como nunca se vira no deserto,
De tão grato frescor, d'aguas tão puras.

Depois batendo as esmaltadas pennas,
Deixou na terra um luminoso traço ;
E agitando seu manto d'açucenas,
Sumiu-se ao longe na amplidão do espaço.

Erguendo aos céus a radiosa fronte,
A pobre mãe ao Senhor Deus louvava ;
E enchendo o vaso no crystal da fonte,
Com elle ao filho a salvação levava.

O FIRMAMENTO.

AO MEU AMIGO J. S. DA SILVA FERRAZ.

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véu mysterioso:
Desprende as azas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faíscas de seu carro ardente
Ao rolar atravez da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguem póde contar-vos: quem podéra
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós perto brilhaes, no fundo accêsas
Do throno soberano:
Quem vos ha-de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?

E quem ha-de contar-vos n'essas plagas
Que os céus ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sostem as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura?

E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véus do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle fallou! e as sombras n'um momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véu de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gyra
Immerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonorosa lyra
Cantando os seus louvores.
Cantae, ó mundos que seu braço impelle,
Harpas da creação, fachos do dia,
Cantae louvor universal Áquelle
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano?
Tu és um grão d'areia arrebatado,
Por esse immenso turbilhão dos mundos,
Em volta de seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho
Que soberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas?
Que és tu com teus imperios e colossos?
Um átomo subtil de froixo alento:
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o gyrar dos orbes
A' razão encadeias;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorbes
Na chamma das ideias:

Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!
Gloria a Deus, que n'um átomo resume
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra! se inda és pobre,
        Conquista aureo destino,
E de seculo em seculo mais nobre
        Eleva a Deus teu hymno!
E tu, ó terra, nos florídos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reúne aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras!

Dizem que já sem forças, moribunda,
        Tu vergas decadente:
Oh! não, de tanto sol que te circumda
        Teu sol inda é fulgente.
Tu és joven ainda: a cada passo
Tu assistes d'um mundo ás agonias,
E tu rolas emtanto n'esse espaço
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! alem scintilla
Hoje um astro brilhante;
Ámanhã ei-lo treme, ei-lo vacilla,
E fenece arquejante:
Que foi? quem o apagou? foi seu alento
Que soprou essa luz já fatigada;
Foram seculos mil, foi um momento
Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia ao pêso
Dos annos e ruínas,
Tu cahirás n'esse volcão accêso
Que teu sol denominas;
E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos emfim, quaes borboletas,
Cahirão como tu na mesma chamma.

Então, ó sol, então n'esse aureo throno
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario, e em abandono,
Com tua gloria finda?

Tu findarás tambem, a fria morte
Alcançará teu carro chammejante:
Ella te segue, e prophetiza a sorte
N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que inda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez envôlta pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo d'elles todos de repente
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras poisarão no vasto imperio
Que teu facho alumia;
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?
Outro sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios onde imperas
Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro céu mais perfeito,
O céu d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida refluindo ao seio
Do fóco soberano,
Parará concentrando-se no meio
D'esse infinito oceano;
E acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade —
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

TRISTEZA.

Extingue-se o anno, são findos os dias
Que os valles encheram de próvida luz;
O inverno c'roado de nevoas sombrias,
Seus pallidos gêlos á terra conduz.

O rio em torrentes inunda as campinas,
As veigas perderam seu floreo matiz,
Pesada tristeza reveste as collinas,
E as selvas que ha pouco sorriram gentís.

Em tudo a meus olhos avulta uma imagem
De triste abandôno, de mystica dôr:
Apraz-me este lucto que veste a paisagem,
Apraz-me esta scena d'extincto verdor.

Como estas campinas outr'ora florentes,
Meus dias formosos floriram tambem;
Como ellas agora, meus dias cadentes,
Despidos de galas, só lucto contem.

Quão rico d'encantos o tempo corria!
Quão triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

Mas essa que vale perdida a esperança?
Que vale um passado que já não é meu?
A' flôr desbotada que importa a lembrança
Da aurora suave que aromas lhe deu?

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Virá de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois findos p'ra sempre, jámais voltareis.

Sondando o futuro, minha alma conhece
Que os ermos do mundo já rosas não tem:
Já tudo declina, já tudo fenece,
O sol da ventura, e a esp'rança tambem.

Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida perdendo o calor:
Meus dias declinam qual luz desmaiada
Que doira as montanhas com tibio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou no passado,
Se as trevas se estendem nos céus do porvir,
Que esperas minha alma? do livro do fado
São negras as folhas: só resta partir.

Ao longe, quem sabe? sulcando as alturas,
Jardins mais formosos verás na amplidão,
De flores eternas, d'eternas verduras
Que os gêlos da terra jámais seccarão.

Temendo os rigores do outomno visinho,
As aves adejam buscando outros céus:
Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho, —
Procura outros climas, rasgando os teus véus!

AO PORTO.

Doce patria que amo tanto,
Patria e berço onde nasci,
Vou elevar-te hoje um canto,
Embora longe de ti.
Foi a tua heroicidade
Quem me inspirou, ó cidade;
Foi no sol da liberdade
Que a luz do estro accendi.

Pelo clarim das batalhas
Modularei a canção:
Dizem guerra essas muralhas
Que cingem teu morrião;
Di-lo o Douro enfurecido,
Quando nas rochas erguido,
A teus pés solta o rugido,
Como irritado leão.

Guerreiro e livre, uma serra
Quizeste p'ra te encostar:
A aguia não quer a terra,
Quer os rochedos e o ar.
Do oceano junto ás plagas
Quizeste um solio de fragas,
D'onde alem visses as vagas
Correndo livres no mar.

Que insoffrido como as ondas
A natureza te fez;
A patria d'Epaminondas
Foi menos livre talvez.

Erga-se o véu do passado,
E de gloria já cercado,
Lá soa teu nome e brado
Junto ao nome portuguez.

Mas que vale essa nobreza
De teu antigo brazão,
A par da heroica defeza
Que hoje te deve a nação?
Gloria a ti! se n'outra idade
Lhe déste o nome, ó cidade,
Déste-lhe hoje a liberdade,
Remindo-a da escravidão.

Jazia a triste arquejante,
Ninguem d'ella tinha dó,
Que o seu rei fôra distante,
Seu rei a deixára só:
Calando então a viseira,
Tu bradaste, e a Europa inteira
Viu a patria sobranceira,
E a tyrannia no pó.

Mas não tardou que de novo
Rojasse a fronte no chão;
Succumbiu a lei do povo,
Venceu a lei da traição.
Que importa? se a heroicidade
Vacillou ante a maldade,
Não morreu a liberdade,
Pois vive seu campeão.

Ei-lo já co'a lança em riste,
Ei-lo que se ergue outra vez!
Quem é que ao forte resiste
Armado d'intrepidez?
Recuou? tambem recúa
A vaga quando fluctua,
Mas depois á praia nua,
Vem com dobrada altivez.

Das crenças o branco lirio
Da liberdade o poder,
Como a palma do martyrio,
Do sangue tem de nascer.

Eia, pois, surja o cutelo,
Que o martyrio é sancto e bello,
E o livre, por seu anelo,
Sabe luctar e morrer.

Raiou o dia do pranto,
O' nova Jerusalem;
Envolve-te em negro manto,
Chora teus filhos, ó mãe!
Ouve esse dobre tremendo,
Olha esse povo correndo:
São teus martyres morrendo
Nos cadafalsos alem.

Mas não tarda do desterro
Quem te ha-de vir libertar:
Dos livres já brilha o ferro
Por sobre as ondas do mar!
Levanta a pallida frente,
Que entre as vagas do occidente
Já do exercito valente
Descubro as naus a alvejar.

Ei-los correndo a teus braços;
Muros a dentro já são:
Das masmorras em pedaços
Estalam portas no chão;
Ei-los á praça chegados,
E os cadafalsos alçados,
Lá baqueiam derribados
Aos gritos da multidão.

No regaço da cidade
Que espectaculo não vae!
Do longo exilio a saudade
Em beijos d'amor se esvae.
Findára a ausencia amargosa;
Tudo sorri, tudo gosa:
O esposo abraça a esposa,
Abraça o filho seu pae.

Mas eis que ventura tanta
Aos contrarios pesa e doe:
Já seu poder se levanta
Por ver se o Porto destroe.

Em vão! não treme o cercado:
Guerra! guerra! — eis o seu brado;
Cada livre é um soldado,
Cada soldado um heroe.

Rufam caixas a rebate,
E' dia de combater;
Ás trincheiras e ao combate
Correm todos com prazer.
Que importa que reine a morte?
Que importam filhos, consorte?
Cada qual só tem por norte,
Ou triumphar, ou morrer.

Por entre a fuzileria
Restruge a voz do canhão;
O fogo da artilheria
Faz do reducto um volcão.
Vós que tentaes no estrago
Sumir a nova Carthago,
Primeiro de sangue um lago
Derramareis, mas em vão!

O' cidade, em torno ás linhas
Quantos d'elles e dos teus,
Em quanto a lucta sostinhas,
Disseram á vida o adeus!
Cada noite e cada dia
O sangue em ondas corria;
Mas teu valor resistia,
Como a rocha aos escarcéus.

Debalde vinha a granada
Teu seio despedaçar:
Cada pedra ensanguentada
Era á gloria um novo altar.
A peste, a guerra, e a fome
Tuas entranhas consome;
Mas qu'rias d'*invicta* o nome:
Tudo soubeste affrontar.

Té que a-final a victoria
Sobre os teus muros baixou,
E o caminho para a gloria
Aos teus livres apontou.

A toda a parte ligeiras
Voaram tuas bandeiras;
Nas convulsões derradeiras
A tyrannia expirou.

Largo tempo era passado,
E em teu leito de broqueis,
Descançavas reclinado
A' sombra dos teus laureis...
Mas eis no Tejo distante
A liberdade arquejante...
Ergue-te ainda, ó gigante,
Com teus soldados fieis.

Ergueu-se, e já nas trincheiras
Fez assestar os canhões;
Já tremulando as bandeiras
Reuniu seus batalhões.
Gloria á tua valentia,
Escolho da tyrannia:
Para conter-te a ousadia
Viste mover tres nações!

Ao longe por toda a parte,
No meio de sangue e horror,
Cae dos livres o estandarte
A's plantas do vencedor...
Que vista! o heroe de Novara
Que a patria n'alma abrigára,
Hoje busca, e não depara
Um abrigo á sua dôr!

Oh! vem, magestoso cedro,
Que o raio tombou no chão,
Junto ao coração de Pedro
Asylar teu coração.
Pela patria foi seu brado:
Ligou-vos o mesmo fado;
Co'a sombra do rei soldado
Vem conversar na soidão.

Ai! veio, porém a morte
Sobre elle as azas bateu:
Alli nas cinzas do forte
Um povo inteiro gemeu.

Tu o choraste, ó cidade,
E em teu pranto de saudade
Mais um hymno á liberdade
Ergueste do seio teu.

Ergue-lhe sempre o teu hymno,
Dá-lhe o teu braço e poder:
Livrar a patria é o destino
Que recebeste ao nascer.
Mostra sempre ao mundo inteiro,
Mostra, no esforço guerreiro,
Que em ferros de captiveiro
Não ha-de a patria morrer.

Se aos golpes da tyrannia
Vires tremer Portugal,
A' sua voz d'agonia
Surge outra vez colossal!
Do teu peito dá-lhe o abrigo,
Defende-o, salva-o comtigo,
Ou no pó do seu jazigo
Dorme o teu somno final!

A MÃE E A FILHA.

— Filha, filha, que linda alvorada!
Anda ver este sol a nascer:
Ha tres dias que gemes deitada,
Mas já hoje sorris de prazer.

— Oh! que sonho d'encantos divinos!
Tudo em roda luzia em fulgor,
E mil anjos cantavam seus hymnos
Em jardins d'açucenas em flôr.

Era longe dos olhos humanos,
N'uma terra mui longe d'aqui...
Oh! que mundo tão livre d'enganos!
Oh! que vida que n'elle vivi!

>•<

— Olha o sol que tão bello se esconde
Nas montanhas sombrias d'alem...
Tão calada, tão triste! responde,
Que tens tu, minha filha, meu bem?

— E' um anjo que ao longe me acena,
E' um anjo d'aquelles que eu vi:
Vou deixar-te sózinha... que pena,
Que saudades eu levo de ti!
Ei-lo chega atravez dos espaços
Com sorrisos d'encanto sem fim...
Mãe, adeus! dá-me ainda os teus braços,
Mas não chores, não chores por mim.

>•<

VISÃO DO RESGATE.

AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA.

E eu achei-me assentado solitario
Junto d'um grande mar triste e sombrio,
Cujas ondas d'aspecto funerario
Se agitavam qual trémulo sudario
Sobre um cadaver macilento e frio.

E eu era triste! sepulchraes gemidos
Me vinham d'essas ondas tormentosas;
Seu fragor penetrava em meus ouvidos,
Como o arfar de mil peitos opprimidos
Em duros transes d'afflicções penosas.

E por cima na abobada do mundo
Um véu de nuvens se estendia baço;
Rebramava o trovão rouco e profundo,
E o mar lhe respondia gemebundo,
E a tristeza reinava em todo o espaço.

E um suor frio me escorreu na fronte,
Como o orvalho na cruz d'um cemiterio;
E de meus prantos desatou-se a fonte,
E eu pedi ao Senhor que do horisonte
Me tirasse esta nuvem de mysterio.

E o Senhor deu ouvidos a meu rogo,
Pois vi descer a mim do firmamento
Um facho ardente de celeste fogo,
Que as trevas de meus olhos varreu logo,
Qual varre as nuvens um tufão violento.

E eu vi tudo! esse mar de ondas sombrias
Era um mar de nações que se agitava;
E eu conheci que em leito d'agonias,
Chorando em vão seus miserandos dias,
Aquella multidão gemia escrava.

Alli o fraco de pavor transido
Arrastava grilhões aos pés do forte;
O perverso ostentava o rosto erguido,
E o justo era qual pombo foragido,
Que nas garras do açor encontra a morte.

O mendigo nos atrios do opulento,
Pedia amparo, e maldições colhia;
O filho do trabalho sem alento,
Comprava o escasso pão ao avarento,
A trôco dos andrajos que despia.

E entre as garras da fome devorante,
O mancebo luctava enfraquecido,
O velho desmaiava agonisante,
E a mãe sem forças apertava o infante
Ao peito como a urze resequido.

E um espectro medonho e ensanguentado
Por entre aquelles povos divagava,
Brandindo um ferro com medonho brado;
E o chão que elle pisava era abysmado,
Como em torrentes d'incendida lava.

E' que esses povos, como iradas feras,
Ao seu brado feroz se levantavam;
E a matança era tanta, que disseras
Ver um circo de hyenas e pantheras,
Que entre as garras crueis se espedaçavam.

E no meio de tudo em alto monte
Se erguia um throno de rubins accesos,
No qual um anjo, coroada a fronte,
Dominava soberbo esse horisonte
De povos algemados e indefesos.

E no semblante d'esse archanjo ardente
O dedo do Senhor estava escripto;
E eu pude ler-lhe na sombria frente,
Gravadas em caracter refulgente,
As sinistras palavras: — *sê maldicto!*

E outro archanjo de negras armaduras,
De joelhos aos pés se lhe inclinava;
E, infausto mensageiro d'amarguras,
Na sinistra empunhava algemas duras,
Na dextra ferrea urna sustentava.

E offertando-lhe a urna com respeito,
Lhe dizia com voz assustadora:
« Anjo do mal que o homem tens sujeito,
« N'este vaso de dôr recebe o preito
« Das lagrimas crueis que o mundo chora.

« Eis o penhor fiel que a tyrannia
« Por mim, seu anjo, te depõe ás plantas:
« Os humanos resistem noite e dia,
« Mas o laço do amor não concilia
« As suas turbas, que feroz supplantas.

« Mal haja o Christo que o amor ensina!
« Seu vil reinado succumbiu na terra:
« Triumpha, anjo do mal, reina e domina,
« E mil flagellos ás nações fulmina,
« De crimes, divisões, de lucto e guerra! »

E o archanjo brandindo o sceptro ardente,
Sorria com feroz perversidade:
E ao longe murmurava um som fremente,
Como o rugido d'um volcão latente,
Ou à voz de longinqua tempestade.

E eu cedi ao vaivem de minhas mágoas,
Como ao sôpro do vento a fragil hera,
Té que uma voz, como a das grandes agoas,
De minhas penas adoçando as frágoas,
Me bradou aos ouvidos: —*crê e espera!*

>o<

E subito uma aurora,
Serena, refulgente,
Das trevas do oriente
Desfez os negros véus;
Lavrou, como um incendio,
Nas sombras horrorosas,
E alfim cobriu de rosas
A cupula dos céus.

E um astro despontando
Na franja do horisonte,
Alçou a meiga fronte
Coberta d'aurea luz:
Sobre elle campeando
Cercada d'alta gloria,
Promessa de victoria,
Brilhava a eterna cruz.

E logo ardente nuvem,
Relampagos soltando,
Baixou do céu voando
No carro dos trovões;
Bem como de trombeta
Soltava estranho accento,
E prestes como o vento
Rolou sobre as nações.

E n'ella a gloria immensa
Do Deus que o mundo adora,
Brilhava como outr'ora
No topo do Sinai;

E o grito da trombeta
Dizia em som de guerra:
— Surgi povos da terra,
N'um só vos ajuntae! —

E o throno do mau anjo
Tremeu nos fundamentos,
E eu vi passar nos ventos
O espirito de Deus;
Seu brado erguia os povos,
Bem como a tempestade
Do mar na immensidade
Levanta os escarceus.

⁂

E as turbas procellosas remoinharam,
Como as areias que o tufão agita;
E alçando todas pavorosa grita,
Com laços fraternaes se colligaram.

E em quanto erguiam seus pendões de guerra,
Eis que as azas batendo nas alturas,
Cingidos de brilhantes armaduras,
Dous archanjos pairaram sobre a terra.

Cobriam-lhes as formas delicadas
Escudos e couraças diamantinas,
Aureos elmos as frontes peregrinas,
Nas dextras empunhando igneas espadas.

E eu vi-os, como soes relampejantes,
Adejarem velozes sobre a terra,
Brandindo irados, em signal de guerra,
As terriveis espadas flammejantes.

Té que chegado o instante do resgate,
Fitando os povos que os olhavam mudos,
Bateram co'as espadas nos escudos,
Bradando ás multidões : — eia ao combate !

E os povos ao brado,
Qual mar agitado
Fervendo em cachões,
Erguiam-se fortes
Em densas cohortes,

Em mil turbilhões;
E á guerra corriam,
E feros bramiam
Quaes feros leões.

Corriam, chegaram,
E o throno cercaram,
Do anjo do mal;
Mas elle — maldicto! —
Das luctas o grito
Soltára fatal:
Na mão, qual espectro,
Luzia-lhe um sceptro
De lume infernal.

Com furia sombria,
Da vil tyrannia
Ao anjo acenou,
E o prompto ministro
Seu mando sinistro
Fiel acceitou;
E eis rapido logo
As armas de fogo
Medonhas tomou.

E enormes serpentes
Vermelhas, ardentes,
Soltou pelo chão;
Das ferreas escamas
Sahiam-lhes chammas
De torvo clarão;
Cada uma nos povos
Saltava em corcovos
D'horrenda visão.

Os povos, que as viam,
Debalde investiam
Seus gyros mortaes:
Crueis lavaredas
Abriam veredas
A's serpes fataes;
E a turba d'exangue
Cahia do sangue
Nos rios caudaes.

Mas n'isto ligeiros
Os anjos guerreiros,
No ar inda então,
Baixaram luzentes,

Quaes astros cadentes,
A' terrea mansão;
E aos anjos malvados
Correram irados
Com voz de trovão.

E todos, alçadas
As igneas espadas
Brandiram a par;
Cada uma semelha
Luzente centelha
Cruzando no ar;
Semelha no embate
A onda que bate
Na rocha do mar.

Seus olhos vibravam,
Seus gritos soavam
Em echos d'horror;
As turbas rugiam,
As armas tiniam
Com novo rancor;
O carro da guerra
Rolava na terra
Com torvo fragor.

Até que um rebombo
Soou, como tombo
Ruidoso e fatal
De penha que d'alto
Desaba, e d'um salto
Retumba no val:
Era alto ruído
Do throno abatido
Do genio do mal.

E logo infinitos
Ouvi ledos gritos,
E ouvi maldições;
E soltos aos ventos
Vi centos e centos
D'ovantes pendões;
Vi feitos pedaços
Algemas, e laços,
E ferreos grilhões.

Vi thronos cahidos,
Vi sceptros partidos
Rolarem no pó;
Vi aureos emblemas,

Vi mil diademas
Calcados sem dó;
Vi povos diversos,
Outr'ora dispersos,
Unidos n'um só.

>o<

Vi a terra já livre d'anciedade
Rasgar altiva seu funereo manto;
Vi os homens á voz da liberdade
Surgirem fortes do lethal quebranto.

Vi-os, tecendo fraternaes abraços,
Sem odios, sem rancor, e sem vinganças
Estreitarem d'amor serenos laços,
Unidos em sublimes allianças.

E eu louvei o Senhor! já não reinava
O anjo do mal co'a tyrannia fera:
Seu throno demolido semelhava
D'apagado volcão torva cratera.

>◆<

Coberto de mantos de pura saphira,
Que dia tão ledo brilhava sem véus!
A estrella formosa que aos homens surgira
Reinava em triumpho no campo dos céus.

Seu facho divino cercado de rosas
Vertia no mundo torrentes de luz,
E o mundo coberto de galas formosas
Saudava n'esse astro do Golgotha a cruz.

Dos valles, dos montes, dos rios, dos mares,
Sahiam murmurios de paz e d'amor,
Co'a voz dos humanos soando nos ares
Em cantos infindos d'infindo louvor.

Batendo serenos as azas douradas,
Os anjos celestes pairavam no céu,
Qual nitido bando de pombas nevadas
Cruzando os espaços n'um dia sem véu.

Nem elmos agora, nem malhas luzentes
Cobriam dos anjos as formas gentis:
De branco trajados, seus véus innocentes
Ondeavam tremendo nas auras subtis.

Cahiam-lhes soltos os longos cabellos
No collo, nos hombros d'alvura louçã,
Seus rostos ornando, mais puros, mais bellos
Que a estrella argentina da rosea manhã.

Traziam poisadas nas candidas frentes
Grinaldas singelas de casta cecem,
E as harpas eburneas tangiam cadentes,
C'roadas de rosas e lirios tambem.

Um côro celeste voando em cardumes,
Seguia os archanjos com doces canções;
E todos lançando na terra perfumes,
Assim descantavam por sobre as nações:

O ARCHANJO DO CHRISTIANISMO:

Salve dia que meigo fulguras,
Despontando no mundo sem véu!
Salve estrella d'amor e venturas
Que resurges formosa no céu!

Pura e bella surgíras outr'ora,
Densa nevoa cobriu tua luz;
Pura e bella resurges agora,
Vem reinar sobre os homens, ó cruz!

Vem remi-los da negra maldade,
Vem na face do mundo luzir,
Vem trazer-lhes a luz da verdade,
Que o Messias lançou no porvir.

Era o anjo das trevas maldicto,
Quem do mundo regía as nações;
Foi o Verbo, o Messias predicto,
Que desceu a partir seus grilhões.

Novas crenças brotando dos labios,
Revelou em seu pae um Deus só,
E caladas as vozes dos sabios,
Falsos deuses cahiram no pó.

Viu as gentes sepultas no crime,
E eis que armado d'augusta missão
Deu lições de virtude sublime,
D'innocencia, d'amor, e perdão.

Ensinou a brandura ao tyranno,
Ao soberbo dos justos a lei;
Ao avaro bradou: — sê humano!
E ao perverso, e ao impio: — tremei!

Deu ao fraco palavras de vida,
Deu ao triste consolos na dôr,
Deu a todos a esperança perdida
D'outro reino de paz e d'amor.

E cumprindo do mundo a sentença,
No tormento da cruz expirou;
Mas com sangue d'um Deus sua crença
Sòbre a terra gravada ficou.

Do Calvario, librado nas pennas,
A mil povos com ella voei;
Mil corôas teci d'açucenas,
Com que a fronte dos martyr's ornei.

Foi então... dá-me queixas, ó lyra,
Dá-me notas de fundo pezar...
Christo, ó Christo, a calumnia, a mentira,
Ai! ousaram teu Verbo ultrajar.

Teus ministros, sem fé na verdade,
Renegaram da sancta missão,
E entregaram a lei da egualdade
Aos tyrannos, á voz da ambição.

Logo o facho sangrento da guerra
Accenderam com impio furor,
E em teu nome cobriram a terra
D'exterminio, de sangue, e d'horror.

D'ouro e sangue mantendo seus vicios,
Teus preceitos calcaram no pó;
E mil scenas dè horrendos supplicios
Ostentaram ao mundo sem dó.

Então eu á celeste morada
D'entre os homens voando subi,
E a teus pés com a fronte curvada
Largas eras, ó Christo, gemi.

Mas das trevas não poude o combate
Apagar o teu astro de luz:
Aos cativos, signal do resgate,
Ei-lo surge brilhante na cruz.

Povos, povos, seccae vosso pranto!
Levantae-vos do leito da dôr!
Terra, entôa de novo o teu canto,
Doce canto de paz e d'amor!

Da maldade, dos odios, da guerra,
Para sempre o reinado morreu:
Paz aos homens na face da terra,
Gloria a Deus nas alturas do céu!

CÔRO DOS ANJOS:

Hosanna! hosanna! signal de victoria,
A cruz do resgate já brilha ás nações,
Hosanna! e se eleva nos cantos de gloria
Dos anjos, dos homens, de mil gerações!

O ARCHANJO DA LIBERDADE:

Bemvindo sejas, bonançoso dia,
Que ao mundo trazes a perdida luz!
Bem vindo sejas! teu fulgor lhe envia
No facho eterno que as nações conduz!

Assim de galas e esplendor vestida,
A' voz do Eterno a creação rompeu:
E a liberdade se ligou á vida,
No mar, na terra, na amplidão do céu.

— Vivei, sois livres, caminhae avante! —
O Eterno disse, e me entregou a lei:
Seu dedo a terra me apontou distante,
E eu das alturas com prazer baixei.

E a lei dos mundos vim gravar na selva,
No leão das brenhas, e no açor do ar,
No cedro altivo, na modesta relva,
Nas bravas ondas do revolto mar.

No ser humano, d'entre os mais acceito,
Gravei mais fundo o universal condão,
E d'entre as azas lhe verti no peito
Viva centelha d'immortal clarão.

Então qual fumo d'abrasado incenso,
Voou da terra festival louvor;
E a natureza, no seu gyro immenso,
Pulsou de vida, liberdade e amor.

Mas ai! que o homem de seus dons celestes
No altar dos vicios holocausto fez;
Rasgou impuro da innocencia as vestes,
Calcou tyranno seus irmãos aos pés.

Tomando o ferro de cruel verdugo,
Fartou com sangue mil crueis paixões;
Impôz ao fraco seu tyranno jugo,
E o fraco ás plantas lhe arrastou grilhões.

Então a terra suspendeu seus hymnos,
A luz do dia se turvou no céu,
E esta harpa triste, nos humbraes divinos,
Aos pés do Eterno desde então gemeu.

De negras sombras se toldára o mundo:
Mas eis que os tempos eram findos já:
Eis que uma estrella de fulgor jucundo,
Sorrindo á terra, alumiou Judá.

Porém só hoje triumphar devia
Esse astro immenso de serena luz:
Eis surge, eis surge do resgate o dia,
Brilhando aos homens sobre a eterna cruz.

Povos, sois livres, enxugae os prantos!
Do leito amargo do penar surgi!
Terra, modula teus festivos cantos,
Que o novo dia já reluz em ti!

D'um Deus o sangue resgatou a affronta:
Quebrae a taça da agonia e dôr!
Novo porvir ás gerações desponta,
Novas idades de justiça e amor.

Eterna gloria ao que desceu á terra!
Eterna gloria do universo ao rei!
Que o fraco exalta, que o soberbo aterra,
Que impõe aos orbes e ás nações a lei!

CÔRO DOS ANJOS:

Hosanna! hosanna! seu nome infinito
Refulge de gloria, qual astro sem véu,
Na luz da verdade, no Verbo predicto,
No mar, nos abysmos, na terra, e no céu!

E subindo atravéz do espaço immenso,
O côro — hosanna, hosanna — repetia,
Entre nuvens d'azul, d'ouro, e d'incenso,
E entre notas d'angelica harmonia.

Emtanto eu com a face unida á terra,
Do novo dia o resplendor saudava,
E sobre o campo da passada guerra
Ao Senhor dos exercitos orava.

O MENDIGO.

Nas torres soberbas da grande cidade
O sol desmaiado não tarda a morrer;
Recrescem as sombras: que importa? a vaidade
No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho entretanto lá sobe a montanha,
Caminha, caminha, no cimo parou:
Em frigidas gotas o rosto lhe banha
Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz antes da morte, nas serras distantes
Fitar inda os olhos cançados da luz ;
A aldeia da infancia saudar por instantes,
Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
Juntou a seus prantos em funda mudez ;
Depois, ao volver-se, topando a cidade,
Que em ebrio tumulto folgava a seus pés :

« Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto
« O pão da desgraça negaste cruel !
« Mal hajas, mal hajas, que a terra do extincto
« Talvez lhe negáras, á tumba infiel ! »

E exhausto e sem forças cahiu de joelhos,
E a fronte cançada firmou no bordão :
Passados instantes, os olhos vermelhos
Ao céu levantava, dizendo : perdão !

Cahiam-lhe soltas no collo vergado
As longas madeixas em brancos anneis :
Que nobre semblante de rugas sulcado,
Sulcado dos annos, e mágoas crueis !

« Perdão para as vozes que solta a desgraça !
« Perdão para o triste, perdão, ó meu Deus !
« Bem hajas, que aos labios lhe roubas a taça
« De fel e amarguras, abrindo-lhe os céus.

« Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra ;
« Esposa não tenho, finou-se de dôr ;
« Amigos não vejo na face da terra :
« Que faço eu no mundo ? bem hajas, Senhor !

« Ás portas do rico bati sem alento,
« Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim :
« O rico sem alma negou-me o sustento,
« Aquelles que amava fugiram de mim.

« Vaguei pelo mundo, nas faces myrrhadas
« Colhendo os insultos que ao pobre se dão ;
« Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
« Poisei minha fronte nas lageas do chão.

« Que vezes a morte chamei sem alento,
« Cançado dos annos, e fomes, e dôr !
« A morte não veio : soffri meu tormento...
« Só hoje me ouviste : bem hajas, Senhor !

« Os homens e o mundo negaram-me os braços,
« Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...
« Minha alma te busca, desprende-a dos laços...
« Perdão para todos, perdão, ó meu Deus! »

E um ai derradeiro soltou d'anciedade,
Cahindo por terra nas urzes do chão:
Ao longe, no seio da grande cidade,
Brilhava das festas nocturno clarão.

DESENGANO.

Vejo-a ainda : resurge a meus olhos
Como em tempos ditosos surgia,
E qual anjo de casta poesia,
Desce ás vezes n'um sonho d'amor ;
Vejo-a ainda nos céus e na terra,
Nos encantos e risos da aurora,
E se o dia nas ondas descora,
Das estrellas no meigo fulgor.

Era a luz que brilhava em minha alma,
Era o astro que em sombras luzíra,
Era o fogo sagrado que a lyra
Ás doçuras d'amor acordou...
Tudo é findo ; debalde nas trevas
Busco ainda seu facho luzente :
Foi apenas um astro cadente,
Meteóro fugaz que passou.

Pobre seio que ardente pulsaste
Embalado por falsas venturas,
O fanal que na terra procuras
Sobre a terra jámais acharás :
Não ha seio que entenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anhelos,
Não ha luz que em seus raios mais bellos
Não te esconda uma sombra fallaz.

Que te resta ? um futuro vasio
D'illusões que nutriu a esperança,
E um passado de triste lembrança
Como é triste a verdade sem véu...

Olvidar, olvidar, que ao presente
Ai! só cabe o repouso do olvido;
Olvidar, e que em gêlo sumido
Seja o fogo que em chammas ardeu!

Sonho bello que esta alma illudiste,
Chamma ardente nos céus ateada,
Vôa, vôa á celeste morada,
Lá nasceste, do mundo não és;
E tu, lyra de languidas cordas,
Que d'amor suspiraste em desleixo,
Vae, oh! vae, em silencio te deixo;
Vae, oh! vae para sempre talvez!

⊃o⊂

DESALENTO.

Cançado, ai! já cançado quando a vida
Em flôr nascente desabrocha ao mundo!
Quando a esperança, d'illusões vestida,
Sorri a todos n'um porvir jucundo!

Alma que gemes em lethal quebranto,
Desprende as azas nos vergeis celestes!
Amor, gloria, prazer, dae-me inda o encanto
Que em vagos sonhos juvenis me déstes!

E que é o amor da terra? luz divina
Reflectida do céu, mas que se apaga;
Candida rosa que o tufão inclina,
Que o tempo e a morte desfolhando esmaga.

Doces imagens que em ditoso enleio
Cerquei outr'ora d'illusão infinda,
O que é feito de vós? ai! n'este seio
Viveis apenas, se viveis ainda.

E tu, que és tu, ó gloria? um som que passa,
E de seculo em seculo retumba,
Mas que a frigida lousa não traspassa
De quem já dorme na calada tumba.

Astro que brilha e queima, espectro ovante
Que a desgraça acompanha; e o genio illude:
Vós o sabeis, Camões, e Tasso, e Dante,
Vós que gemeis ainda no ataúde.

Que é o gôso, o prazer? fumo d'incenso
Que embriaga um momento, e se evapora;
Que é o saber, a sciencia? espaço immenso
Em que a luz da verdade é froixa aurora.

Que é este mundo que eu sonhei tão bello?
Profundo abysmo de tormenta escura;
Que é pois a vida? um fadigoso anhelo
Que só deve acabar na sepultura.

A morte! oh! se alem d'ella o porto amigo
Nos surgisse a final ledo e formoso!
Se n'esses mundos da esperança abrigo
Despontasse outro sol mais bonançoso?

Mas quem sabe da morte? o ouvido attento
No silencio das campas nada escuta;
E Socrates não diz se um novo alento
Achou, bebendo a gelida cicuta.

Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo,
E qual é sobre a terra o meu destino,
De mim que homem geraste, e que no fundo
D'este valle d'angustia erro sem tino?

Infeliz de quem nasce! a ave que gyra,
A fera, o tronco, o verme que rasteja
Tambem nasceu, mas esse a nada aspira,
Ou se aspirou, alcança o que deseja.

E o homem nasce, pensa, e aspira ancioso
Ás illusões que a mente lhe depara,
E a cada passo lhe esmorece o gôso,
E acha só trevas onde luz sonhára.

E caminha, e caminha, e sem alento
Cae abysmado no seu terreo leito,
Onde após a fadiga e o soffrimento
A lousa sepulchral lhe esmaga o peito.

Aqui, de dôr um pelago profundo;
Alem, os vermes da feral jazida;
Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo?
Porque do nada me chamaste á vida?

CONSOLAÇÃO.

Quando nas trevas de minha alma afflicta
A procella da dôr se expande irosa,
E a descrença de tudo, e o desalento
Co'as negras azas me escurece o dia,
A ti, a ti, Senhor, com mais esforço,
Atravez do infinito onde te escondes

Busco elevar-me, demandando auxilio;
E tu, Senhor, tu vens a quem te chama;
Tu brilhas a final, e a tempestade
Que dentro d'alma se elevára em sombras,
Vae pouco e pouco serenando as iras.

⸻

Bem hajas: quem te procura
Jamais te procura em vão:
Tu desces, e a noite escura
Se volve em doce clarão;
Tu desces, e a luz da esp'rança,
Como estrella de bonança,
Brilha nas sombras então.

A vida é triste: no mundo
Soffremos até morrer;
Mas, Senhor, quem sonda a fundo
Mysterios do teu poder?
A vida é triste, mas breve,
E o futuro que se eleve,
Eterno, immenso ha de ser.

Mundos e mundos no espaço
Vão rolando á tua voz,
Prêsos em mystico laço
N'esses jardins sobre nós;
E tudo canta á porfia
Aquella grande harmonia
Que ensinam teus anjos sós.

Tudo folga: só na terra
Ha de o homem padecer?
Acaso tão pouco encerra
Seu fado? não póde ser.
Se o homem foi obra tua,
N'este mar em que fluctua
Ha de um porto emfim haver.

Bem hajas: a dôr e o pranto
Vem de ti, do teu amor;
São crysol augusto e sancto
Que nos apura em fulgor;
São a chamma, o fogo intenso
Que nos ergue como o incenso,
E a teus pés nos vae depôr.

Tu sabes porque sombria
Vaga a noite na amplidão,
Porque a terra se anuvia,
E ruge irado o tufão:
É que o dia segue a noite,
E das procellas no açoite
Se esconde a florea estação.

Bem hajas, Senhor, bem hajas:
O teu poder nos conduz;
Se de lucto um dia trajas,
Outro dia alem reluz.
N'este gyro sempiterno,
Vem o estio após o inverno,
E após as sombras a luz.

Bem hajas: feliz no mundo
Quem tua face entrevê,
E d'este abysmo profundo
Se ergue nas azas da fé.
Feliz quem sorrindo ás vagas,
De olhos fitos sobre as plagas,
Espera, confia, e crê.

A FONTE DOS AMORES.

Eis os sitios formosos onde a triste
Na quadra d'illusões viveu ditosa;
Eis a fonte, eis os cedros que lhe ouviram
Os segredos d'amor, e de saudade.
Oh! quantas vezes, namorada fonte,
Após longo vagar por esses campos
Do placido Mondego, pensativa,
Não veio a linda Ignez aqui sentar-se,

E ausente de seu bem carpir saudosa,
Aos montes e ás hervinhas ensinando
O nome que no peito escripto tinha!
E quantas, quantas vezes n'estas margens
Não viste os dous amantes solitarios,
Esquecidos do mundo, ebrios de gôso,
Em extasis d'amor embebecidos.

Pobre infeliz Ignez, breves passaram
Teus dias d'illusão, tuas venturas:
Ao regio moço o coração rendeste,
E o que em todos é lei, em ti foi crime.
Eis do barbaro pae, do rei severo,
Se arma a dextra feroz, ei-lo que aos sitios
Onde habitava amor conduz a morte.
Distante de teu bem, ao desamparo,
Ai! não podeste conjurar-lhe as iras.
Debalde aos pés d'Affonso lacrimosa
Pediste compaixão; debalde em ancias
Abraçando os filhinhos innocentes
Os filhos de seu filho, a natureza
Invocaste e a piedade: a voz dos impios,
Dos vis algozes te abafou as queixas,
E o cego rei te abandonou aos monstros.

Ei-los a ti correndo, ei-los que surdos
Aos ais, aos rogos que tremendo soltas,
No palpitante seio crystallino,
Que tanto amou, oh barbaros! os ferros,
Os duros ferros com furor embebem.
Prostrada, agonisante, os doces filhos
Por derradeira vez unes ao peito,
E de teu Pedro murmurando o nome,
Aos innocentes abraçada expiras.

Inda infeliz Ignez, inda saudosos
Estes sitios que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredo, os echos, brizas
Parecem murmurar a infanda historia;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Ás margens, e aos rochedos commovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento.

O BUSSACO.

Oh! salve irmão do Libano,
Que altivo ergues a fronte,
Monarcha d'estas serras,
Senhor da solidão!
Salve, gigante cupula
Que ostentas no horisonte,
Erguida sobre as terras,
A cruz da redempção!

Em teus agrestes pincaros
O homem vive e sente
Mais longe d'este mundo,
Mais proximo dos céus:
Por isso, nos seus extasis,
O monge penitente,
Aqui meditabundo,
Se erguia aos pés de Deus.

Por largo tempo o cantico
Do pobre cenobita
Sooû na ermida rude
Da tua solidão:
Hoje o silencio lugubre
Sómente n'ella habita,
Silencio d'ataúde
Em funebre mansão.

Porém se os coros mysticos
Findaram sua reza,
Se a voz do santo hosanna
Em ti já feneceu;

Tu vives, e inda incolume
Ao Deus da natureza,
Calada a voz humana,
Descantas o hymno teu.

Oh! como és bello erguendo-te
Á luz do novo dia,
Que os mantos de verdura
Te banha de fulgor!
Quando o gemer dos zephiros,
Das aves a harmonia,
Acordam na espessura
Louvando o creador!

Mas quanto mais esplendido
Serás quando a tormenta,
Sublime, rugidora,
Em teu regaço cae!
Quando de mil relampagos
Teu cume se apresenta
C'roado, como outr'ora
O fulgido Sinai!

Quando os tufões indomitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam ás torrentes
Com horrido fragor!
Depois, em negro vortice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cantico ao Senhor!

Tu és grandioso; o animo
Que a sós aqui medita
Recolhe altas imagens
De santa inspiração:
Oh! porque veio turbida
A guerra atroz, maldicta,
Soltar n'estas paragens
As vozes do canhão?

D'um lado eram as bellicas
Hostes de Bonaparte;
Do outro heroico e ufano
O povo portuguez:

A liberdade e a patria
Ergueu seu estandarte,
E a historia do tyranno
Contou mais um revez.

Tudo passou: sumiram-se
Vencidos, vencedores;
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal:
Só tu, sorrindo impavido
Do tempo, e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.

E cada vez que fulgido
Renasce o novo dia,
De nova luz te banhas,
Despindo os negros véus;
E dizes, em teu jubilo,
Ao sol que te alumia:
— O rei d'estas montanhas
Saúda o rei dos céus.

Depois, ao vê-lo pallido
Nas vagas do horisonte,
Pareces ao mar vasto
Dizer com altivez:
— Em teu regaço, ó pelago,
Tu lhe sumiste a fronte:
Avança, que de rasto
Virás beijar-me os pés!

>o<

A UM THEATRO ACADEMICO.

Abrindo sepulchros, rasgando mysterios,
Quem mortos gelados levanta de pé?
Quem varre co'as azas as cinzas d'imperios,
E os vultos heroicos anima, quem é?

Quem tira do nada uma fórma divina?
Quem finge uma imagem de negro terror?
Quem ergue virtudes, e o crime fulmina?
Quem risos excita, quem prantos de dôr?

— O genio do drama e o genio da scena! —
São elles que traçam, em véu d'illusões,
D'amor, de ciume, de riso e de pena,
O jogo travado de humanas paixões.

São elles unidos que em chamma inquieta
Sentiu Gil Vicente na fronte escaldar;
São elles que o bardo da terna Julieta,
E a fronte de Talma vieram c'roar.

São elles, mancebos, que em nuvens de flores
A senda apontaram que afoitos seguis,
De palmas e c'rôas, de magos fulgores,
Mas senda d'espinhos; c'o genio condiz.

Em nobre fadiga, que os ocios despreza,
D'acerbos estudos assim descançais:
Foi bello o designio, difficil a empreza:
Quem logra nas artes repouso jámais?

Que importa? na lucta se provam alentos,
Sómente na lucta se colhem laureis;
Aos peitos ardentes, de gloria sedentos,
Reluz a bonança por entre os parceis.

Avante! e que o genio das artes potente
O fogo das artes vos possa trazer;
Que em scenas de prantos o pranto rebente,
Que em scenas alegres se gose o prazer.

As artes e as lettras nasceram amigas:
Ás aras das duas incensos levae,
E aos louros colhidos em sabias fadigas,
Os louros do palco viçosos juntae!

N'UM ALBUM.

Não busqueis em meus canticos sombrios
Nem saudades, nem gosos, nem amores:
Não tenho fogo sobre os labios frios,
Não brota o gêlo melindrosas flores.

Perguntae ao cadaver que repousa
Mysterios de prazer, ou d'amargura,
Que a voz heis de partir d'encontro á lousa,
Sem echo despertar na sepultura.

N'UM ALBUM.

Do soffrimento o archanjo lamentoso
Sobre a face do mundo estende o braço:
Um diadema offertava, e pavoroso:
« Para o que mais soffreu! » gritou no espaço.

Eis logo immensa turba se atropella,
Todos querem ganhar a prenda infausta;
Mas nenhum dos que chegam por obtê-la
Mostrava a taça da amargura exhausta.

« Affastae-vos ! » lhes brada o genio esquivo,
« Nenhum tocou do soffrimento a meta :
« Tu, só tu mereceste o premio altivo ;
« Ergue a fronte, corôa-te, poeta !

>o<

N'UM ALBUM.

Um nome é uma lembrança: n'este mundo
Que valem mil esplendidas memorias?
Tudo se esvae no pelago profundo
Que sorve gerações, vidas, e glorias.

Tudo se esvàe na tumba regelada,
Tudo morre a final, tudo se esquece,
E após o esquecimento resta o nada,
Como os espaços onde um som fenece.

Vaidade a gloria, que o porvir consome,
Vaidade as pompas do feral jazigo:
Eu só quizera soletrar meu nome
Gravado em mais d'um coração amigo.

FIM.

INDICE.

Pag.

A Vida. — A meu irmão 1
O Noivado do sepulchro. — Ballada 11
O Outomno 16
A Camões. 21
Desejo. 29
Canção 32
Á Patria. — Ao meu amigo A. C. Lousada . . 36
Rosa branca. 42
Enfado 47
Anelos 50
O Filho morto 55
A *** 57
Ultimos momentos d'Albuquerque.—Ao meu amigo A. Ayres de Gouvêa 59
A ti 68
Infancia e Morte 71
O Canto do Livre. — Ao meu amigo Alexandre Braga 74
Saudade 78

Pag.
Amor e Eternidade 82
O Escravo 85
O Anjo da Humanidade 92
Partida 101
Catão 104
Agar 113
O Firmamento. — Ao meu amigo J. S. da Silva Ferraz. 121
Tristeza 129
Ao Porto 132
A Mãe e a Filha. 143
Visão do Resgate. — Ao meu amigo Alexandre Braga 145
O Mendigo 169
Desengano 173
Desalento. 176
Consolação 180
A Fonte dos Amores 184
O Bussaco 187
A um Theatro Academico 193
N'um Album. 196
N'um Album. 197
N'um Album. 199

ERRATAS.

			Erros	Emendas
Pag. 103	— vers.	11	— derradadeiro	derradeiro
» 115	»	2	— ao vêr sol	ao vêr o sol
» 156	»	20	— Como	Com
» »	»	23	— Como	Com